

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MEMORIAL**

**SILVANA VILODRE GOELLNER**

**Porto Alegre, junho de 2017**

Guardar objetos, atribuir-lhes sentidos e visibilidades são ações que integram o cotidiano de pessoas, grupos e instituições que se dedicam a registrar o passado fazendo-o perdurar em outros tempos e contextos culturais. Iniciativas desta natureza possibilitam que memórias e histórias sejam reconstruídas, pois ao olharmos os objetos preservados criamos nossas próprias interpretações transformando o passado em presente. A exposição *Paisagens da Memória: cidade e corpos em movimento*, em grande medida, resulta da dedicação de uma pessoa que por mais de 50 anos colecionou objetos evitando sua dispersão e esquecimento: Henrique Felipe Bonnet Licht, um médico porto-alegrense cuja paixão pelo esporte o mobilizou a reunir uma coleção de mais de 15 mil itens, doada ao Centro de Memória do Esporte em 2002. Vários objetos aqui expostos provêm da persistência do colecionador e, sobretudo, da sua generosidade, desapego e desejo de tornar público registros que narram histórias do esporte e do lazer em Porto Alegre.

Dedico esse memorial ao Dr. Henrique Licht, nosso *Garimpeiro de Memórias*, falecido no dia de hoje, 28 de junho de 2017. Este texto escrevi em sua homenagem e, junto com duas fotografias, figura em um dos painéis da exposição que está aberta à visitação no Museu da UFRGS.

## SUMÁRIO

1. Apresentação	4
2. Uma professora em permanente formação	7
3. A produção acadêmica e sua relação com a formação de pessoas: o ensino, a pesquisa e a extensão	24
4. Dois lugares de meu fazer	48
5. Administrar e gerir	56
6. Desafios do porvir: possibilidades sempre reinventadas de prosseguir na vida acadêmica	59
7. Considerações Finais	65
8. Referências	67

## 1. Apresentação

E nem escrever, não, não acho mais que seja trabalho. Durante muito tempo achei que era. Agora não acho mais. Acho que é um não-trabalho. É atingir o não trabalho. O texto, o equilíbrio do texto, é um espaço em si que é preciso reencontrar. Aqui não posso mais falar de uma economia, de uma forma, não, e sim de uma relação de forças. Não posso dizer mais que isso. É preciso chegar a dominar o que ocorre de repente. Lutar contra uma força que some e que somos obrigados a capturar sob pena de que ela se ultrapasse e se perca. Sob pena de aniquilar sua coerência desordenada e insubstituível. Não trabalhar é abrir esse vazio para deixar que venha o imprevisível, a evidência. Abandonar, depois retomar, voltar atrás, ficar inconsolável tanto por ter deixado quanto por ter abandonado. Desobstruir de si. E depois, às vezes, sim, escrever. Todos andamos atrás desses instantes em que nos retiramos de nós mesmos, desse anonimato para nós mesmos que trazemos em nós. Não sabemos, não temos noção de tudo aquilo que fazemos.

Escrever, antes de mais nada, é um testemunho dessa ignorância, daquilo que é possível acontecer enquanto estamos ali, sentados à chamada mesa de trabalho, daquilo que engendra aquele fato material, de estarmos sentados diante de uma mesa com as coisas necessárias para formar as letras sobre a página ainda intocada. (Marguerite Duras, 1988)

Ao iniciar a escrita deste memorial recorro à Marguerite Duras. Longe da pretensão de aproximar-me de sua genialidade ou da beleza de sua escrita, recorro as suas palavras pelo que delas em mim reverbera nesse momento no qual estou debruçada sobre a mesa de trabalho na espera do imprevisível e da evidência. Momentos nos quais me abandono e me reencontro, na tentativa de rememorar uma trajetória cuja intensidade, prazer, coragem, temor, paciência, confiança e medo constituem aquilo que sou.

Tenho 54 anos e a aspiro tornar-me professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tal pretensão fundamenta-se na percepção de que minha carreira acadêmica visibiliza indícios de uma história que, se por um lado, demonstra um caminho já percorrido, por outro, mostra-se em construção.

Mobilizada por essa percepção decido atender ao edital deste processo avaliativo uma vez que a vida universitária não foi para mim, uma obra do destino ou do acaso, mas uma opção. Desde o curso de graduação, o campo da formação profissional foi aquele que mais instigou meus interesses, sobretudo, porque percebia a universidade como um espaço privilegiado de expressão de liberdade, de crítica, de formação de sensibilidades e de comprometimento social. Vale lembrar que frequentei o ensino superior na efervescência dos anos 1980: fase da abertura política, do voto direto, dos feminismos, da pedagogia crítica, do movimento renovador da Educação Física brasileira.

É nesse cenário que me graduei e que formei as bases que me permitiram compreender a importância que a Universidade teve e tem na estruturação da sociedade brasileira, em que pese os trâmites burocráticos e as instâncias de poder que a compõem e que, não raras vezes, promovem amarras e desilusões. Ainda assim, e acreditando nas suas potencialidades, é nela que depus e persisto depositando grande parte de meus sonhos e, porque não dizer, de meu projeto vida.

Portanto, ao sentar à mesa de trabalho para rememorar minha trajetória acadêmica através da escrita desse memorial, o faço tendo como diretriz a compreensão de Magda Soares que, ao prestar concurso para o cargo de professora titular afirma:

Fazer uma tese cujo objetivo é a própria vida acadêmica (pois é isto o *memorial*) obriga o professor universitário a ultrapassar *o que fez* em sua vida acadêmica para determinar *por que fez, para que fez e como fez*; ou seja, além da enumeração, que está em seu *curriculum vitae*, a análise, a crítica e a justificativa (SOARES, 2001, p. 25).

Na tentativa de desenvolver tal exercício recorro a registros de diferente natureza (vários deles apresentados no Relatório de Atividades Docentes) e, também, aos registros de minha memória. Portanto, o que aqui narro é uma construção atravessada pelas minhas experiências individuais e minha pertença coletiva uma vez que a memória, por mais íntima e pessoal que seja, se imbrica, pela linguagem e pelos conteúdos, com a memória dos outros (RICOUER, 2007).

Ao descrever minhas escolhas para chegar a ser o que sou, o faço ciente de que tudo aquilo aqui que rememoro contempla a marca do presente, pois é a partir dele que busco explicitar e dar visibilidade ao passado. Este memorial, enfim, não é apenas um

registro daquilo que vivenciei no passado, mas a tentativa de pensar a minha trajetória acadêmica, suas condições de produção, seus enlaces e desdobramentos. Portanto, o que descrevo agora está permeado pelas teorias que hoje iluminam meu pensar e, devo ressaltar desde já, que não foram as mesmas ao longo de minha formação.

Optei por organizar minha narrativa a partir de cinco enfoques sabedora de que existem estreitas relações e diálogos entre eles. Essa separação responde apenas a um estilo de escrita e, também, à ordenação de minhas lembranças feitas de fragmentos seletivos, pois o esquecimento também faz parte da memória. Quero destacar, ainda, que tanto quanto a memória, a escrita desse texto não segue uma narrativa linear. Em cada um dos enfoques trago registros que considero importantes de serem aqui apresentados, pois são eles que, no presente, ajudam a dar visibilidade à minha vida acadêmica. Nessa perspectiva apresento minhas vivências a partir dos seguintes enfoques: *Uma professora em constante formação; A produção acadêmica e sua relação com a formação de pessoas; Dois lugares do meu fazer; Administrar e gerir e Desafios do porvir.*

Entendo que essa narrativa atende aos requisitos indicados no edital segundo o qual o Memorial deve demonstrar obrigatoriamente dedicação ao ensino, à pesquisa, à extensão, à gestão e à produção profissional do/a docente de modo a demonstrar reconhecimento e liderança acadêmica, geração de conhecimento, formação de recursos humanos, atividades administrativas e outros. Ressalto, por fim, que optei por descrever minha trajetória acadêmica mesclando essas perspectivas visibilizando algumas escolhas, seus desdobramentos e repercussões.

## 2. Uma professora em permanente formação

### 2.1. O contexto inicial

Minha história com a Educação Física pode ser evidenciada já na educação básica, dado meu interesse por práticas esportivas e recreativas. Participante da organização de jogos, excursões, acampamentos, entre outras atividades vivenciadas no ambiente escolar, esse pertencimento foi presente desde minha infância, na qual o Clube Aquático Carazinhense era espaço privilegiado a marcar os finais de semanas e as férias escolares. Ambiente de sociabilidade e, também, de formação de meu corpo e minha subjetividade por meio das escolinhas esportivas, dos campeonatos de natação, das partidas de voleibol, futebol, ping-pong, dos jogos e brincadeiras, enfim, das atividades corporais e esportivas que despertaram em mim o desejo de, um dia, ser uma atleta.

Passada a infância, o interesse pelos livros foi conquistando espaço no meu cotidiano ao ponto de influenciar minha opção profissional, pois minha primeira aprovação no Vestibular foi para o curso de Letras (UFRGS) o qual cursei apenas quatro semestres com o intuito de ser professora de Literatura. Um pouco desiludida com a Faculdade, o gosto pelo esporte e as experiências já vividas nesse universo, direcionaram meu desejo para outro campo da educação: a Educação Física.

Fiz novo vestibular na Universidade de Passo Fundo (minha família ainda morava na cidade vizinha de Carazinho) onde cursei Educação Física por um ano. Nesse período (início dos anos de 1980), a Universidade Federal de Santa Maria era uma referência nacional na área de Educação Física o que fez com que, na busca por uma formação mais qualificada, eu realizasse novo vestibular e ingressasse nesta instituição em 1983 para, então, tornar-me “Licenciada em Educação Física” no ano de 1986.

As experiências ali vivenciadas nos projetos de extensão, no Diretório Acadêmico, nos laboratórios de pesquisa, na monitoria em disciplinas, gradativamente, foram minimizando o desejo de ser uma atleta e a preocupação com a formação de professores redirecionou minha formação e muitas das escolhas que fiz: o estágio curricular (1987), a atuação como docente no curso de formação de professoras normalistas no Colégio Centenário, em Santa Maria (1987-1989), a Especialização em *Pesquisa Curricular* (UFSM, 1988), a atuação como Coordenadora do Programa de

Educação Física da Fundação de Educação Social e Comunitária (Porto Alegre 1989-1993), o *Mestrado em Ciências do Movimento Humano* (UFRGS, 1990-1992), o concurso para o cargo de professora da UFRGS na área de *História da Educação Física* (1993), o Doutorado em *Educação* (UNICAMP, 1996-2000), o pós-doutoramento na Faculdade do Desporto, entre outras.

Mais do que enumerar acontecimentos quero pensar o contexto histórico que possibilitou esse redirecionamento e seus desdobramentos. Falo, portanto, da década de 1980 como a propulsora de mudanças individuais e sociais. Período no qual a Ditadura Militar chegava a seus últimos suspiros e aquilo que se convencionou chamar de “Abertura Política” mostrava-se diante de nossos olhos. Em agosto de 1979 o General Figueiredo, sancionou a Lei da Anistia e no seu rastro, várias outras conquistas<sup>1</sup> foram despontando: o retorno dos/as exilados, o fortalecimento dos movimentos sociais, as greves, a legalização do Partido Comunista e a construção do Partido dos Trabalhadores (o PT), o Congresso de Reconstrução da União Nacional dos Estudantes (Salvador, 1979), o Movimento Diretas Já, o Movimento de Mulheres, enfim, ideias e ações que integravam meu cotidiano. Formei-me professora de Educação Física nesse contexto e, em que pese a grade curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física estar assentada em disciplinas pautadas pela suposta neutralidade da ciência com ênfase ao conhecimento técnico/aplicado, outras vertentes epistemológicas também permeavam a sua materialidade.

Completamente mergulhada no contexto cultural, social e político deste tempo, busquei experiências de formação que pudessem subsidiar meu olhar sobre o mundo, a ciência e a sociedade. Karl Marx, Antônio Gramsci, Louis Althusser, Ivan Illich, Georges Snyders, Marilena Chauí, Dermeval Saviani, Carlos Jamil Cury, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, entre tantos/as outros/as, foram determinantes na formulação de um pensamento crítico.

No âmbito específico da Educação Física a década de 1980 foi marcada pela publicação de alguns livros ainda hoje reconhecidos como inaugurais do movimento crítico pós-ditadura militar: *A Educação Física cuida do corpo e... “mente”*, de João Paulo Medina (1983); *Esporte para todos: o discurso ideológico do estado*, de Kátia

---

<sup>1</sup> Registro como conquista e não concessão, pois a “Abertura Política” resultou da luta entre diferentes setores da sociedade brasileira. Não podemos esquecer que, em seu nome, muitos/as brasileiros/as foram desaparecidos/as, torturados/as e mortos/as.



Brandão Cavalvanti (1984); *Criatividade nas aulas de Educação Física*, de Celi Taffarel (1985); *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*, de Lino Castelani Filho (1988); *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira*, de Paulo Ghiraldelli Júnior (1988); *Educação Física e sociedade: a educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus*, de Mauro Betti (1991) e *Educação Física e Aprendizagem Social*, de Valter Bracht (1992).

Foi principalmente com esses autores e essas autoras que comecei a entender o significado social da Educação Física, a sua importância como disciplina curricular e não apenas como uma atividade presente no universo da escola, o caráter epistemológico da área, o potencial pedagógico das práticas corporais e esportivas, o papel da história na compreensão da estruturação, consolidação e diversificação da área como campo acadêmico e profissional, as disputas entre o campo “biológico” e o campo das “humanidades”.

Por certo que esses embates aconteciam no interior do curso de formação vivido na Universidade Federal de Santa Maria. A formação não era homogênea e representações distintas de “ser professora de Educação Física” preenchiam o currículo muitas vezes reduzindo a discussão para o binômio: formação para o “ensino formal” (diga-se escola) e para o “ensino não formal” (diga-se fora da escola).

Interessa aqui, chamar a atenção para o contexto social e político no qual fiz minha formação inicial, inscrita nesse momento histórico da Educação Física brasileira. Interessa, ainda, perceber que o currículo não é apenas um modo de tratar e entender o conhecimento mas, sobretudo, implica na construção de nossa identidade. Nas palavras de Tomaz Tadeu da Silva “o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade” (2007, p. 15).

O momento no qual me tornei professora de Educação Física o pensamento crítico emergia neste campo acadêmico-profissional com maior visibilidade e potência possibilitando uma formação mais comprometida os setores menos privilegiados da sociedade brasileira.

Não há dúvidas de que esse momento marcou minha história. O curso de Licenciatura, ainda que se traduzisse em um importante e decisivo espaço de formação, não foi o único. Também foram fundamentais nesse processo: a participação no Diretório Acadêmico (não concorri a nenhum cargo eletivo, mas era presença constante

nas reuniões, assembleias, passeatas, atividades) e a adesão ao Partido dos Trabalhadores, em especial, nas reuniões protagonizadas por dois jovens líderes estudantis de Santa Maria (Paulo Pimenta e Marcos Rolim), além dos comícios, campanhas eleitorais, discussões sobre política de esportes, entre outras atividades partidárias.

Nesse período destaco como bastante significativa, a organização e participação em um grupo de estudos formados por colegas de graduação e estudantes de pós-graduação que estavam em Santa Maria neste período e que hoje, como eu, são professores/as universitários/as, a saber: Luiz Carlos Rigo (UFPel), Eliane Prado (UFPel), Janice Zarpellon Mazo (UFRGS), Iracema Soares (UFSC) e Carlos Luis Cardoso (UFSC).

Esse grupo se reunia às quintas-feiras à noite e nesses encontros discutíamos nossa formação, a conjuntura brasileira, o papel da educação, da Educação Física... Líamos autores que não figuravam nas disciplinas que cursávamos. Lembro claramente de alguns deles: *Ideologias Políticas Contemporâneas*, de Roy Macridis (1980), *Os intelectuais e a organização da cultura*, de Antonio Gramsci (1968), *Escola, Estado e Sociedade*, de Barbara Freitag (1986), *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1974), *História e Verdade*, de Adam Schaff (1977), entre outros.

Este último livro foi muito importante na minha formação visto que foi a partir da sua leitura que decidi enveredar pelos caminhos pesquisa historiográfica. No mesmo período li *O que é História*, de Edward Carr (1978) e *A concepção materialista de História*, de George Plekhánov (1980), com quem aprendi que a história que “não se contenta em apreender como se passaram as coisas mas quer saber por que se passaram de tal maneira e não de outra qualquer” (p. 9).

Também foi determinante na minha formação inicial a leitura de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1949) cujos atravessamentos com minha produção teórica na área da história e da memória foram aparecer mais tarde, conforme explicito no próximo item. Por hora quero elucidar como me tornei a professora que sou. Ou seja, como a docência orientou minha atuação profissional e que, como tenho tentado demonstrar, nasce num período de efervescência cultural, de comprometimento político e do desejo de atuar em prol de um mundo mais solidário. Guardo comigo o discurso que proferi por ocasião da minha formatura na qual tive a honra de ser a oradora da

turma. Reproduzo parte do que escrevi naquele longínquo julho de 1986, pois as palavras de ontem, de certo modo, ainda hoje em mim reverberam.

Colegas:

A Educação Física atualmente tem sido muito questionada e nota-se que apresenta certa crise de identidade. Sabemos que ela não se restringe somente ao esporte. Estamos certos de sua importância dentro do contexto social e dos muitos caminhos que dentro dela podemos seguir. A partir de hoje trabalhamos em uma situação absolutamente real. Cabe a nós, professores de educação física, ao atuarmos juntamente com nossas crianças, jovens, adultos e idosos, mantermos o nosso compromisso com a educação. Somos educadores.

Entendo que somos capazes de através de nossa ação, modificarmos concepções já ultrapassadas, aproximarmos a Educação Física de todas as pessoas respeitando suas limitações, seja nos ginásios, parques, nos hospitais, nos presídios, favelas, asilos e escolas. Temos uma tarefa social a cumprir e se realmente acreditamos em mudanças precisamos ter em mente que somos nós os agentes dessa transformação. (...) Ao iniciarmos nosso trabalho, devemos saber a influência que uma aula de Educação Física tem, em relação aos nossos alunos, às escolas ou instituições onde estaremos atuando. Precisamos estar cientes que essa aula vai ter conseqüências a curto e a longo prazo e que é na continuidade desse trabalho e na análise de suas conseqüências que se dará ou não a maior valorização de nossa profissão. (...) Colegas, estaremos, ao exercer nossa profissão, atuando com seres humanos e devemos fazer acima de tudo deles o maior objetivo do nosso trabalho.

## **2.2. A pós-graduação**

Concluída a graduação, depois de um ano viajando pela Europa mantendo os custos da viagem com pequenos trabalhos nada relacionados à área, retorno ao Brasil para começar a trabalhar “de verdade”, o que se efetivou por meio de minha atuação no Colégio Metodista Centenário (na cidade de Santa Maria), a qual detalharei no item 3 deste Memorial.

Paralelo ao trabalho com o Magistério, iniciei o Curso de Especialização em *Pesquisa Curricular* orientada pelo professor Haimo Fensterseifer (UFSM). As disciplinas que compunham a grade curricular do curso contemplavam discussões sobre teorias tradicionais e teorias críticas do currículo, com ênfase na segunda vertente. Nesse curso entrei em contato com algumas ideias de Louis Althusser, Henry Giroux, Michel Apple, Antônio Flávio Moreira, Gaudêncio Frigoto, entre outros. Partidários do

que poderíamos considerar uma visão crítica da educação, tais autores reforçaram em mim a percepção da educação como uma instância capaz de questionar os arranjos sociais existentes e, em função disso, fomentar um pensamento crítico. Por essa razão, minha Monografia de Conclusão de Curso analisou a Educação Física escolar considerando as diferentes vertentes epistemológicas que orientaram seu fazer pedagógico.

No meu percurso de formação, debruçei maior atenção à História e, tanto na especialização quanto no mestrado e no doutorado, o trabalho historiográfico na interface com a Educação Física se traduziu no eixo central de minhas investigações. Em 1991 concluí a Especialização com a apresentação da Monografia *A evolução do pensamento pedagógico da Educação Física escolar brasileira*.

Ainda realizando o curso de especialização me deparei com o edital de abertura do curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De pronto me inscrevi para o processo seletivo, pois reconhecia a importância dessa instituição no cenário estadual e nacional. Assim dei continuidade à minha formação e, volto a lembrar, em plena efervescência da disputa na área entre as ciências sociais e humanas e as ciências biológicas. Essa polarização se fazia presente na matriz curricular cujo campo das humanidades era minoritário, inclusive em função da própria história da ESEF (hoje ESEFID) e da constituição do seu corpo docente.

Fui acolhida pelo professor Adroaldo Gaya, um dos docentes do curso que tinha envolvimento com discussões pedagógicas. Foi meu orientador na fase inicial dos estudos, pois logo iniciou doutoramento na Universidade do Porto, Portugal. Conteí então com a generosidade do professor Haimo Fensterseifer que assumiu o papel da co-orientação. Devo ressaltar que ambos me concederam a liberdade de pesquisar aquilo que mobilizava minhas paixões. Razão pela qual, continuei nos estudos historiográficos, tentando compreender como, no Brasil, o componente curricular Educação Física se inseriu no contexto da escola.

Se a preocupação com a formação de professores era um contínuo na minha construção acadêmica, entendia que era necessário conhecer como a área se estruturou bem como as matrizes pedagógicas que lhe deram fundamentação. Nessa direção, investi no estudo sobre o pensamento militar e o pensamento médico na estruturação da Educação Física brasileira e foquei minha análise no Método Ginástico Francês que, no

início do século XX, foi oficializado em todo o território nacional. Esse investimento resultou na produção da dissertação, *O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em março de 1992.

Se minha formação inicial se deu no período da “Abertura Política”, quando iniciei o Doutorado, em 1996, já tínhamos passado por algumas experimentações democráticas: a Constituição de 1988, as eleições diretas para a Presidência em 1989, a reorganização dos movimentos sociais, o Governo Sarney (1985-1990), o *impeachment* de Fernando Collor (1992), o Governo Itamar Franco (1992-1995). Em 1995 assumia a Presidência Fernando Henrique Cardoso, ex-Ministro de Fazenda de Itamar, eleito na esteira do plano Plano Real. A inflação, as privatizações, o neoliberalismo, o livre mercado, eram algumas das bandeiras de lutas que mobilizavam manifestações políticas, agregavam movimentos sociais, dentre eles, o movimento docente, os partidos de esquerda, as greves.

Neste contexto outras leituras emergiram em minha trajetória acadêmica, marcadamente, as perspectivas da Nova História proposta por Marc Bloch, Lucien Febvre e Peter Burke, e a História das Mulheres fundamentada por Michelle Perrot, Joan Scott e Mary Del Priori. No processo de Doutorado o foco deslocou-se da História da Educação Física Escolar para a História das Mulheres na Educação Física e no Esporte.

Quero aqui ressaltar que o Doutorado, realizado na Faculdade de Educação da UNICAMP, marcou de modo indelével minha formação como professora. A linha de pesquisa para a qual fiz o processo seletivo *Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte*, abarcava estudos sobre diferentes formas de linguagem, arte e cultura, imagens e sons na sociedade contemporânea assim como estudos sobre memória e história.

Minha opção por essa linha de pesquisa se deu a partir da leitura do livro *Imagens e sons: a nova cultura oral*, de Milton José de Almeida (1994) e também influenciada pelo caminho investigativo de Carmen Lúcia Soares, cujos trabalhos de cunho historiográfico eu havia dialogado durante a produção de minha dissertação de mestrado, em especial, seu livro *Educação Física: raízes europeias e Brasil* (1993). Vale ressaltar que a professora Carmen Soares colaborou no processo de orientação de minha dissertação dada a proximidade temática com o que eu estava pesquisando.

Carmen realizava seu doutorado junto ao Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO sob orientação de Milton José de Almeida cujos estudos e

pesquisas estavam direcionados para o que denominava na época de *nova oralidade* estruturada, na cultura da sociedade moderna, pelo cinema, pelo vídeo e principalmente pela televisão. Prestei a seleção para ser sua orientanda visto que já demonstrava certa familiaridade com estudos sobre corpo e Educação Física. Ao ser selecionada mudei para a cidade de Campinas e, durante os quatro anos que lá vivi, participei ativamente do OLHO, grupo ao qual continuo ligada como Pesquisadora Associada, conforme Diretório de Grupos do CNPq. O Doutorado e as experiências vivenciadas nesse período trouxeram novas perspectivas ao meu trabalho como professora na UFRGS e como pesquisadora possibilitaram novos caminhos na produção intelectual. Foi nessa etapa de minha formação que tive os primeiros contatos com algumas vertentes das teorias pós-críticas, em especial com os Estudos Feministas e de Gênero com destaque para autoras como Joan Scott, Michelle Perrot, Guacira Lopes Louro, Margareth Rago, e, no campo da Educação Física brasileira, Eustáquia Salvadora de Souza.

As disciplinas que frequentei no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, em especial, aquelas relacionadas à área da História<sup>2</sup> e as incursões no Arquivo Edgard Leuenroth e no Centro de Memória da UNICAMP foram experiências privilegiadas, pois fortaleceram aquilo que já vinha pautando minha trajetória acadêmica, o foco na pesquisa histórica, agora com um pequeno deslocamento: para a História das mulheres. Resulta desse processo minha Tese de Doutorado na qual analiso a presença das mulheres no primeiro periódico específico da área da Educação Física produzido no Brasil: a *Revista Educação Physica*, que circulou entre 1932 e 1945. Embora não tratasse especificamente da Educação Física feminina, analisei todas 88 edições desta revista considerando as imagens e textos que publicou sobre a presença das mulheres no entorno das práticas corporais e esportivas. Ao me debruçar sobre esse material identifiquei que a *Revista*, direta ou indiretamente, fez circular aquilo que convencionalmente se designou como imperativo de seu sexo: seja bela, seja mãe e seja feminina. A tese originou o livro *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física*, publicado pela Editora Unijuí em 2003.

Ainda com relação a minha formação na pós-graduação destaco o Pós-Doutorado realizado entre dezembro de 2011 e setembro de 2012 na Universidade do Porto (Portugal) com supervisão da professora Paula Botelho-Gomes. A opção por essa instituição e supervisão se deu não apenas pelos laços históricos que aproximam os dois

países e entre as duas instituições envolvidas (UFRGS e Universidade do Porto), mas pelo reconhecimento de algumas ações implementadas pelo governo português voltadas para a equidade de gênero inclusive direcionada para a ampliação da participação das mulheres no universo cultural do esporte. Para tanto fui contemplada com uma bolsa de estudos do CNPq por meio da pesquisa *Olhares feministas sobre mulheres e esporte: estudo comparado entre Brasil e Portugal*.<sup>3</sup>

Os estudos sobre historiografia desenvolvidos no mestrado, os estudos sobre imagens desenvolvidos junto ao OLHO e o aprofundamento dos Estudos de Gênero empreendido no pós-doutoramento marcaram minha formação acadêmica cujos desdobramentos se fazem sentir na minha atuação na formação de pessoas e na minha própria formação, entendida como um processo em constante construção. Marcaram também minha intervenção política e pedagógica cuja trajetória de algum modo está expressa neste documento.

### **2.3. O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**

Fundado em 1978, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é a entidade científica que agrega grande parte da comunidade acadêmica da Educação Física. Inicialmente vinculada aos estudos e pesquisas relacionadas ao viés biomédico da área, a partir do final da efervescente década de 1980, pesquisadores e pesquisadoras vinculados/as às humanidades e, sobretudo, ao pensamento crítico, assumem a Diretoria da entidade promovendo no seu interior rupturas epistemológicas e embates políticos acirrados cujos desdobramentos ainda hoje se fazem sentir, não apenas no âmbito específico da entidade, mas no próprio campo acadêmico-profissional da Educação Física brasileira.

Meu primeiro contato com o CBCE se deu no final da década de 1980 quando assisti conferências e palestras com integrantes da entidade cujo engajamento me

---

<sup>2</sup> Destaco as disciplinas ministradas por Izabel Marson, Margareth Rago e Edgard de Decca.

<sup>3</sup> Dentre as publicações deste período destaco algumas que se relacionam com a temática da pesquisa: GOELLNER, S.; JAEGER, A.; FIGUEIRA, M. L. *Invisibilidade não significa ausência: imagens de mulheres em obras referenciais do skate e fisiculturismo no Brasil*. Ex-Aequo, v.26, p.135-148, 2012. GOELLNER, S. *A história do esporte e do jornalismo esportivo durante a Primeira República Portuguesa*. Estudos Históricos, v.25, p. 479-483, 2012; GOELLNER, S.; VOTRE, S.; PINHEIRO, M.C. *'Strong mothers make strong children': sports, eugenics and nationalism in Brazil at the beginning of the twentieth century*. Sport, Education and Society, v.1, p.1-16, 2011.

sensibilizou fazendo com que, ainda estudante, me filiasse à entidade. Destaco Valter Bracht, Celi Taffarel, Elenor Kunz, Michele Ortega Escobar e Lino Castellani Filho. Em 1991 participei do meu primeiro Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, na cidade de Uberlândia (MG), apresentando o trabalho *O método francês e suas implicações na escola brasileira*, relacionado à dissertação em construção.

Desde então, participei de diversas edições deste evento por reconhecer sua importância e percebê-lo como palco privilegiado para o debate acadêmico com os pares. Além da efetiva participação na entidade como pesquisadora, outras atuações representaram, para mim, experiências importantes na minha trajetória acadêmica.

Em 1992 participei da estruturação da Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul, em 1993 fui convidada por Valter Bracht para integrar a Direção Nacional, ocupando o cargo de Diretora Científica (1993-1995) e, em 1996, fui a primeira coordenadora dos Grupos de Trabalho Temáticos, sistemática que ajudei a criar tendo como modelo a organização da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED). No biênio 2003-2005 fui Vice-Presidente e de 2005 a 2007 dividi com o colega Alex Branco Fraga a Editoria da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, o periódico científico publicado pela entidade. Considerando meu envolvimento com a temática de Gênero e percebendo a relevância da temática assim como a crescente produção no campo da Educação Física brasileira, em 2005 protagonizei, junto com outros pesquisadores e pesquisadoras, um movimento em prol da criação de um Grupo de Trabalho Temático específico sobre Gênero. O processo se estendeu por vários anos compondo a pauta de pelo menos duas assembleias gerais da entidade (2005 e 2011). No ano de 2013, durante o XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, realizado em Brasília, a criação do GTT foi aprovada e fui indicada para ser sua primeira coordenadora. Indicação que acatei de imediato e recebi com muita alegria e honra visto que, de certo modo, aponta para o reconhecimento do tema como relevante na minha produção acadêmica. A ementa ficou assim estruturada: “Estudos sobre os processos específicos através dos quais as práticas esportivas e corporais produzem e transformam os sentidos do feminino e do masculino, que tenham por base suportes teórico-metodológicos de diferentes campos disciplinares em sua interface com Educação Física e Ciências do Esporte” (CBCE, 2013).



Além dessa atuação junto ao CBCE merece destaque ainda meu envolvimento com a preservação da memória da entidade visto que, desde 2003 sou responsável pela guarda de seu acervo histórico por meio do trabalho que desenvolvo junto ao Centro de Memória do Esporte (ESEFID-UFRGS), o qual descreverei posteriormente.

Quero aqui registrar o quanto minha atuação em diferentes instâncias dessa entidade foi relevante na minha formação como professora de Educação Física. Terreno fértil para a produção e divulgação do conhecimento, muito aprendi sobre a área da Educação Física seja como dirigente, professora e pesquisadora. Além de discussões políticas, as análises epistemológicas realizadas nos seus eventos e fóruns de discussão foram (e são) importantes, em especial, aquelas relativas à pesquisa histórica no âmbito específico da Educação Física Brasileira. Fiz-me pesquisadora também no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte por meio da interlocução com colegas participantes dessa entidade científica.

#### **2.4. A Revista Movimento e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte**

Em 2002 a Revista Movimento foi pauta de várias reuniões da Comissão de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. A proposta em apreciação era o redirecionamento da sua política editorial objetivando publicar pesquisas científicas focada em temas relacionados à Educação Física em interface com as Ciências Sociais e Humanas. Fui indicada pela Comissão para assumir a editoria da revista, tarefa que partilhei com outros colegas considerando seu envolvimento com a Movimento ao longo de sua história. Faço referência a Marco Paulo Stigger, Vicente Molina Neto e Alex Branco Fraga. Em função das nossas demandas em diferentes setores da ESEF decidimos que a editoria ficaria sob minha responsabilidade em parceria com o Alex Fraga contando para isso com a intensa colaboração dos demais colegas. A Movimento abandonava, a partir de então, seu caráter “guarda-chuva” para assumir uma linha editorial demarcada pela especialização. Isso posto, além de modificarmos seu foco e escopo, fizemos alterações no Conselho Editorial, no projeto gráfico e na política de secção, visando atender os indexadores nacionais e internacionais bem como a demanda reprimida da área no que tange à pesquisas relacionadas às Humanidades.

Minha experiência na editoria da revista Movimento se prolongou até setembro de 2005 quando esse mesmo grupo foi convidado pela direção do Colégio Brasileiro de

Ciências do Esporte para assumir a editoria da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Avaliamos esse convite em conjunto e decidimos que Alex Fraga e eu aceitaríamos o convite do CBCE no biênio 2005-2007 enquanto Vicente Molina Neto e Marco Paulo Stigger assumiriam a Revista Movimento.

Faço esse relato para enfatizar o quanto essas experiências foram significativas na minha formação: as decisões em parceria e o aprendizado sobre temas como editoria científica, acesso livre à informação, indexação, entre outros, figurou na minha agenda cotidiana de demandas, o que não tinha acontecido até então. Além disso, identifico a editoria científica como um espaço de formação que se dá também pelo diálogo estabelecido com os/as pareceristas, autores/as, revisores/as, leitores/as, editores/as, agências de fomento, entre outras pessoas, grupos e instituições que atuam nesse campo. Um diálogo não muito fácil de ser empreendido visto não serem raros os descontentamentos diante de situações, como por exemplo, a demora na emissão de pareceres, a reação diante da não aprovação de artigos submetidos, o atraso na publicação e várias outras.

Passada a atuação como editora destes dois importantes periódicos vinculados a área da Educação Física hoje continuo ligada a ambos, porém atuando em outras funções. Em dezembro de 2011 passei a integrar o Conselho Editorial da Revista Brasileira de Ciências do Esporte a convite de seu editor, Alexandre Vaz e desde 2014 sou editora de seção da Revista Movimento, atuando mais especificamente, com temáticas relacionadas à gênero, sexualidade, história do corpo e mulheres e esporte.

Para além da atuação específica junto a estas duas revistas considero relevante mencionar que também considero importante no meu processo de formação, a atuação como parecerista *ad hoc*<sup>4</sup> e a participação em Conselhos Editoriais<sup>5</sup> visto que tais funções demandam não apenas o aprimoramento da capacidade analítica mas, ainda, o

---

<sup>4</sup> Arquivos em Movimento, Cadernos Pagu, Educação e Realidade, Educar em Revista, Estudos Históricos, Horizontes Antropológicos, Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte, Impulso, Licere, Motrivivência, Motriz, Movimento, Pensar a Prática, ProPosições, Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Revista Brasileira de História da Educação, Revista da Educação Física/UEM, Revista de Educação: teoria e prática, Revista de Educación Física y Deporte, Revista Estudos Feministas, Revista Mineira de Educação Física, Revista Paulista de Educação Física, Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Revista Portuguesa de Educação, Soma e Temporalidades.

<sup>5</sup> Integro o Conselho Editorial dos periódicos: Movimento, Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Motrivivência, Arquivos em Movimento, Recorde: Revista de História do Esporte e Ex-Aequo (Portugal). Integro, também, o Conselho Editorial da Coleção Educação Física da Editora Unijuí.

exercício de analisar um texto a partir de sua lógica interna e de seus aportes epistemológicos mesmo que não orientado pelas perspectivas teóricas que fundamentam minha ação investigativa. Ressalto ainda a possibilidade que proporcionam de conhecer como se estruturam as áreas de conhecimento, seus vínculos epistemológicos e desdobramentos políticos e pedagógicos.

## **2.5. A Comissão de Avaliação dos Programas de Pós-Graduação da Área 21**

No ano de 2009, a convite do professor Eduardo Kokobun, então Coordenador da Área 21 da CAPES que inclui os programas de Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, participei de uma visita ao Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Maria com o objetivo de dirimir dúvidas quanto à proposta de criação de um curso de Mestrado então submetida à avaliação.

Decorrente dessa participação, integrei a Comissão que avaliou as APCNs (Propostas de Cursos Novos) no ano de 2010, dessa vez convidada pelo novo Coordenador da Área, professor Dirceu Costa. Participei, ainda de visitas para acompanhamento de Programas da Educação Física com conceito 3 e 4. Posteriormente integrei a Comissão da Avaliação Trienal 2007-2009, que se traduziu em uma importante experiência na minha formação como professora universitária e pesquisadora.

Os diálogos e debates com os colegas de Comissão, com a Direção de Avaliação da Capes, com Coordenadores/as, docentes e discentes dos Programas de Pós-Graduação mostraram-se produtivos, sobretudo, porque na diversidade entendi a necessidade de estabelecer consensos possíveis sem perder do horizonte a defesa da pluralidade da Área 21 e de cada uma das quatro subáreas que a compõem. Afora os aprendizados relacionados à avaliação dos cursos de Pós-Graduação, a aproximação com a Capes reforçou minha convicção de que o/a professor/a universitário/a não pode ser apenas pesquisador/a (ainda que extremamente competente) mas, sobretudo, uma pessoa que consiga mediar o conhecimento que produz com o contexto social no qual produz, o que exige uma formação ampla e atravessada por discussões relacionadas às Humanidades.

Essa percepção se fez muito presente em outro momento da minha participação junto a Capes, qual seja, na Comissão Qualis 2011, presidida pelo Coordenador da Área,

professor André Rodacki, com o objetivo de estratificar os periódicos científicos para o Triênio 2010-2012. Da análise do *WebQualis* e dos periódicos nos quais docentes e discentes dos programas da Área 21 produzem foi possível identificar, além de um produtivismo exacerbado, a tênue relação com a interface pedagógica e, notadamente, a pouca articulação da pós-graduação com a graduação.

Não tenho dúvidas do quanto essas experiências impactam na minha formação como docente pois consigo perceber, com clareza, que os imperativos avaliativos estão descolando a produção de conhecimento da formação de pessoas. Se por um lado a avaliação da pós-graduação é importante para a consolidação e qualificação da pesquisa no Brasil, por outro, tem gerado distorções na compreensão do papel da Universidade como uma instituição voltada também para o ensino e para a extensão. Exatamente por pensar assim é que não abri mão de continuar publicando no formato de livro e capítulo de livro, mesmo sabendo que sua avaliação é inferior e, por vezes, inexistente, se comparada às publicações nos periódicos indexados. No entanto, necessária para a formação de pessoas.

Essa atuação específica junto à Capes possibilitou que eu adquirisse um olhar mais abrangente da área da Educação Física de forma a entender que a pós-graduação é importante, no entanto, não encerra a vida inteligente e produtiva da universidade.

## **2.6. O Núcleo UFRGS da Rede CEDES (Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer)**

Em 2005, junto com os professores Marco Paulo Stigger e Alex Branco Fraga, elaborei um projeto para criação de um núcleo da REDE CEDES na Escola de Educação Física, convênio que foi celebrado com o Ministério do Esporte em dezembro do mesmo ano<sup>6</sup>. Três projetos de pesquisa deram início às atividades do núcleo cujas pesquisas resultaram na apresentação de trabalhos e publicação em anais de eventos bem como na publicação de três livros<sup>7</sup> que compuseram a série *Esporte, Lazer e Saúde: investigação, documentação e impactos social* da Editora da UFRGS. Em 2008 propusemos uma

---

<sup>6</sup> Recebemos financiamento de R\$ 201.600,00 para implantar o Núcleo.

<sup>7</sup> *Garimpendo Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança*, organizado por mim e por Angelita Jaeger, *Educação Física e Saúde Coletiva: políticas de formação e perspectivas de informação*, organizado por Alex Branco Fraga e Felipe Wachs e *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre*

pesquisa coletiva intitulada *Políticas de Promoção da Saúde na Gestão do Lazer em Porto Alegre*<sup>8</sup> que contou com a participação de nova integrante do núcleo, a professora Janice Mazo. Essa pesquisa teve como objeto de estudo o *Programa Lazer e Saúde*, promovido pela Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) do município de Porto Alegre e sua realização resultou na publicação de um livro<sup>9</sup> e de trabalhos em anais de eventos. A realização de uma única investigação envolvendo quatro docentes foi bastante enriquecedora, experiência essa que repetimos em 2010 com a pesquisa *Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1940-2010): mapeando cenários da formação profissional e da produção do conhecimento em políticas públicas de esporte e lazer*<sup>10</sup> agregando um novo docente ao Núcleo da Rede Cedes, o professor Vicente Molina Neto.

Quero enfatizar a criação desse núcleo possibilitou o financiamento de vários projetos de pesquisa e a concessão de bolsas para estudantes de graduação, mestrado e doutorado. Portanto, além de se constituir como um espaço de destaque na minha formação como professora, a Rede Cedes, proporcionou o desenvolvimento de experiências na formação de pessoas desenvolvida por meio de atividades de orientação, extensão, organização de eventos, publicação e, ainda, junto as comunidades nas quais os projetos se desenvolveram.

## **2.7. A Universidade do Porto e a Associação Portuguesa Mulheres e Desporto**

Entre dezembro de 2011 e setembro de 2012 morei na cidade do Porto em função da realização do Pós-Doutoramento na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Período de muitos aprendizados e trocas, sobretudo, com as professoras Paula Botelho-Gomes, Paula Silva, Paula Queirós com as quais que estabeleci diálogos profundos e contínuos, cujos resultados detalharei posteriormente.

Neste período tive a oportunidade de pesquisar acervos, visitar museus, conhecer bibliografias que contribuíram de modo indelével para minha intervenção pedagógica, em especial sobre a temática das mulheres no esporte. Participei, ainda, de várias

---

*sociabilidades esportivas em espaços urbanos*, organizado por Marco Paulo Stigger, Raquel Silveira e Fernando Gonzáles.

<sup>8</sup> Valor financiado: R\$ 30.000,00

<sup>9</sup> *Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos*, organizado por Alex Fraga, Janice Mazo, Marco Paulo Stigger e Silvana Goellner (2010)

<sup>10</sup> Valor financiado: R\$ 70.000,00

atividades desenvolvidas pela Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, com sede em Lisboa que tem como objetivo promover a igualdade e a promoção de mulheres no esporte em todos os níveis, esferas e competência.

Essas duas experiências foram muito significativas na minha trajetória docente e reafirmaram o desejo de fortalecer minha atuação em prol da visibilidade para as mulheres no esporte.

## 2.7. A San Francisco State University

No ano de 2015 tive a oportunidade de participar como professora visitante do *Laboratory for Studies in Physical Activity, Culture & Education (PACE Lab)* do Departamento de Kinesiologia da San Francisco State University, na Califórnia, EUA. Entre os meses de outubro e dezembro participei das reuniões do grupo de pesquisa coordenado pela professora Susan Zieff e também das aulas ministradas pela professora Claudia Guedes junto ao Physical Education Teaching Program. Esse estágio foi importante na minha formação acadêmica seja por vivenciar novas experiências, nova cultura e nova língua.

O convite aconteceu em função de uma parceria efetivada com a professora Claudia Guedes no momento em que estive no Centro de Memória do Esporte para pesquisar o acervo sobre mulheres e esporte, mais especificamente, em março de 2015. Vale destacar que esse foi o tema no qual me envolvi na San Francisco State University e também nos diálogos travados com a professora Roberta Park, da University of Califórnia – Berkeley, uma referência nos EUA de estudos sobre história das mulheres no esporte.

Um dos temas de investigação que aprofundei nesse período foi o desenvolvimento de políticas de equidade de gênero no esporte, com o intuito de qualificar minha intervenção em temas com os quais venho atuando há mais de vinte anos. Resulta desse período nos EUA algumas publicações<sup>11</sup> assim como intercâmbios e

---

<sup>11</sup> Organizei o Dossiê Temático “Mulheres no Esporte” da Revista Labrys, n.28, 2015 que contou com a publicação de dois artigos das professoras das universidades americanas: GUEDES, C.; Zieff, S. *Clube Israelita Brasileiro Macabi: creating significant modifications in Jewish women behavior* e PARK, R. *Sport, Gender and Society in a Transatlantic Victorian Perspective*. Nos EUA publiquei três capítulos de livro: KESSLER, C.; GOELLNER, S. *From out of the shadows of invisibility: brazilian women's football and the pioneering figure of Marta*. In: ROSEN, J.; SMITH, M. (Org.). *More than cricket and football: international sport and the challenge of celebrity*. Jackson: University Press of Mississippi, 2016; GOELLNER, S. *Body, Eugenics and Nationalism: Women in the First Sport and Physical Education*

parcerias acadêmicas. A professora Claudia Guedes participou da banca de mestrado de minha orientanda no PPGCMH, Isabela Berté, que apresentou a dissertação *Mulheres no universo cultural do boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016)* no ano de 2016.

## 2.8. A arte e suas múltiplas manifestações

Não é possível rememorar minha formação sem fazer referências às múltiplas linguagens e suportes através das quais a arte se faz pedagogia. Não no seu caráter instrumental mas na educação da sensibilidade. Para além dos espaços institucionais de formação, o cinema, a literatura, a música, o teatro, a dança, as artes plásticas, a fotografia, enfim, a arte também fez de mim o que sou.

Não consigo imaginar minhas aulas e minhas pesquisas sem as inspirações oriundas daquilo que aprendi junto a diferentes manifestações culturais. Sem as experiências e emoções vivenciadas, por exemplo, nas vinte e três edições do Porto Alegre em Cena<sup>12</sup>, no Festival de Inverno de Cinema de Porto Alegre, no Domingo no Átrio<sup>13</sup>, no Projeto Unimúsica<sup>14</sup>, na Feira do Livro e na Bienal do Mercosul, só para mencionar alguns eventos sistemáticos que acontecem na “cidade de meu andar”, como escreveu Mário Quintana.

Não me fiz a professora que sou apenas pela cultura acadêmica (se é que possa existir esse termo) mas pelo que senti, imaginei e pensei ao desfrutar alguma manifestação artística. Quero, por fim, registrar que minha intervenção pedagógica é marcada por essas experiências, pois elas integram minha formação que, como já mencionei várias vezes, encontra-se em permanente construção.

Finalizo aqui a primeira parte desse Memorial na qual busquei tornar visíveis algumas experiências que julgo merecedoras de destaque no processo de minha formação. Tentei esboçar um panorama mínimo que possa indicar os caminhos até aqui

---

*Journal Published in Brazil (1932/1945)*. In: DRUMOND, M.; MELO, V. (Org.). *Brazilian Sports History*. New York: Routledge, 2016; GOELLNER, S. et all. *Women and sport in Brazil*. In: D'AMICO, R. et all. (Org.) *Women and Sport in Latin America*. New York: Rouledge, 2016.

<sup>12</sup> Festival de artes cênicas, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

<sup>13</sup> Projeto que envolve apresentações musicais de artistas nacionais e internacionais. Promovido pelo banco Santander acontece nos domingos às 18 horas.

<sup>14</sup> Promovido desde 1981 pela UFRGS caracteriza-se por apresentações musicais que acontecem na primeira quinta-feira de cada mês. Gratuito.

trilhados, cujos desdobramentos me permitem, nesse segundo item, escrever por que, para que e como fiz o que venho fazendo na minha trajetória acadêmica.



### **3. A produção acadêmica e sua relação com a formação de pessoas: o ensino, a pesquisa e a extensão**

Como já mencionei anteriormente optei por escrever esse memorial a partir de enfoques temáticos, o que não significa que os entenda de forma isolada. Só é possível pensar minha produção acadêmica no diálogo com minha intervenção pedagógica considerando que essas experiências também integram a minha própria formação.

Na tentativa de ressaltar as permanências e descontinuidades presentes nesse processo elejo alguns temas que ao longo de minha trajetória acadêmica tornaram-se recorrentes, dentre os quais destaco: 1) *A Educação Física e a formação de professores*; 2) *História e Memória*; 3) *Corpo, Gênero e Sexualidade*; 4) *Movimento de Acesso Livre à Informação*; 5) *Futebol e Mulheres*. Ao descrever esses tópicos, registro meu envolvimento com o ensino, a pesquisa e a extensão visto que as percebo entrelaçadas e direcionadas para a formação de pessoas.

Antes de detalhar cada um deles quero registrar que esses temas não são estanques. Há atravessamentos entre eles, mas também há especificidades. Para elucidar sua emergência e consolidação em minha trajetória, os registro em separado tentando evidenciar o seu acontecer assim como alguns de seus desdobramentos.

#### **3.1. A Educação Física e a formação de professores:**

No ano de 1987 escrevi e publiquei meu primeiro artigo científico. Intitulado *Estágio profissional: diagnóstico e propostas de mudanças*<sup>15</sup>, o texto resultava de uma investigação que realizei junto aos/as estudantes de Educação Física que estavam cumprindo o estágio obrigatório para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria. Sua produção foi instigada pelos desafios que encontrei em minha primeira experiência com a formação de pessoas: o estágio curricular realizado em escolas da Rede Municipal de Ensino. Inquietava o fato de que, muito do que eu havia aprendido/estudado no curso de graduação estava distante

---

<sup>15</sup> GOELLNER, S.; CANFIELD, M. *Estágio profissional: diagnóstico e proposta mudanças*. Kinesis, v.3,

do contexto escolar, dos/as alunos/as, da infraestrutura das escolas, enfim, de seu acontecer cotidiano. Foi, portanto, a reflexão sobre a formação profissional que despertou em mim o desejo pela pesquisa e, também, pela não acomodação diante percebido.

Transcorridos trinta anos dessa primeira iniciativa de pesquisar, gerar conhecimento e buscar estratégias para potencializar a formação de pessoas, vejo que tal preocupação se mostrou contínua em minha trajetória. Ora mais explícita na produção de artigos e capítulos de livro, ora menos, a atuação na formação de pessoas vem ocupando grande parte de minha intervenção profissional dado que não concebo as atividades de extensão e pesquisa que desenvolvo distante dessa intencionalidade.

Meu primeiro emprego após a conclusão do curso de graduação foi como professora do Curso de Magistério no Colégio Metodista Centenário, na cidade de Santa Maria. No início de 1988, prestei seleção para o cargo de professora da disciplina *Psicomotricidade*, obrigatória na formação das futuras professoras. Dentre os autores abordados recorri aos clássicos dessa área tais como Jean Le Boulch, Pierre Vayer, André Lapiere, Bernad Aucouturier, entre outros, além do recém-lançado livro *Educação Física escolar: uma abordagem desenvolvimentista*, de Go Tani, Edison Manoel, Eduardo Kokobun, Go Tani e José Elias de Proença (1988). Considerando, ainda, as leituras que fiz durante a formação inicial, a presença de autores como Leonid Vigostky e Alexei Leontiev também se fizeram presente nas aulas assim como um olhar questionador sobre a importância que a Psicomotricidade tinha adquirido no campo escolar.

Nessa mesma instituição me envolvi com uma atividade de extensão, o *Projeto Integrado de Educação Popular*, desenvolvido junto a comunidades socialmente desfavorecidas tendo como princípios fundamentais o trabalho de organização popular e a reconstrução da memória cultural e da histórica dos grupos atendidos.<sup>16</sup> Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Miguel Arroyo e Nelson Marcellino foram algumas das referências teórica que conduziam esse trabalho que se propunha a trabalhar com a alfabetização de crianças e jovens e que continha, ainda, um proposta de intervenção orientada para questões de saúde comunitária e organização popular. Terreno fértil para

---

n.2, p. 259-270, 1987.

<sup>16</sup> Resultou desse trabalho a publicação de um pequeno livro: GOELLNER, S. et all. *Fazendo educação popular*. Santa Maria: Instituto Centenário, 1990.

minha inserção no ano de 1988 no qual atuei até meu desligamento da instituição, em 1991, por ocasião da aprovação no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS) que exigiu minha mudança para a cidade de Porto Alegre.

Minha intervenção na formação de pessoas junto ao Instituto Centenário se deu tanto no espaço escolar como fora dele: além das aulas para as alunas do curso de Magistério, atuei em postos de saúde e associações comunitárias, espaços nos quais tive a oportunidade de discutir temas como cidadania e direitos sociais.

Nesse mesmo período eu frequentava o Curso de Especialização em Pesquisa Curricular no qual as teorias críticas do currículo compunham sua fundamentação teórica. Contexto este que permitiu a elaboração de algumas investidas no âmbito da pesquisa cujo foco estava direcionado para o campo da Educação Física escolar com ênfase nas questões relacionadas à formação, currículo e atuação profissional.<sup>17</sup>

Esse tema não permaneceu como central na minha produção acadêmica e considero determinante para seu deslocamento dois acontecimentos: a aprovação Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Ciências do Movimento Humano (UFRGS) e o convite para trabalhar como Cargo de Confiança na Prefeitura Municipal de Porto Alegre como Coordenadora do Programa de Educação Física da Fundação de Educação Social e Comunitária (FESC), cargo de ocupei entre abril de 1990 e maio de 1993 quando me desliguei para integrar o quadro docente da UFRGS.

A mudança de Santa Maria para Porto Alegre, indubitavelmente, marcou minha formação, intervenção pedagógica e produção intelectual. De um lado, havia o trabalho na FESC, o qual possibilitou conhecer uma cidade que para mim residia nas zonas de sombra: a dos bairros afastados do centro, locais nos quais estão localizados os Centros Comunitários. De outro, a realização do Mestrado e a experiência vivida por integrar a turma inaugural da pós-graduação *strictu sensu* da ESEF/UFRGS: o convívio com colegas de diferentes regiões do Brasil, a participação nas reuniões da Comissão de Pós-Graduação como representante discente, as disciplinas realizadas, o diálogo entre as diferentes áreas abrigadas sob o tema das “Ciências do Movimento Humano”.

Ao olhar retroativamente a esse período (início dos anos 1990), percebo que

---

<sup>17</sup> Destaco: GOELLNER, S.; MAZO, J. *Algumas considerações relacionadas com a psicomotricidade no contexto da Educação Física escolar*. Kinesis, v.8, n.2, p. 29-48, 1991; GOELLNER, S.; CARDONETTI, V. *Redimensionando a práxis e o compromisso do professor*. Contexto & Educação, v. 5, n.19, p. 68-74, 1990.

minha intervenção no que respeita à formação de pessoas possibilitou adensar algumas reflexões e experiências que eu já vinha desenvolvendo em Santa Maria. No entanto a dimensão era muito maior: o desafio de coordenar todas as atividades, programas e eventos esportivos desenvolvidos nos Centros Comunitários da capital gaúcha. Criados nos anos de 1970, estes centros ofereciam escolinhas esportivas majoritariamente de futebol, de voleibol e a natação (naqueles que tinham piscinas) assim como a realização de campeonatos cujo ápice era as competições entre os próprios Centros.

Ao me deparar com a ênfase na dimensão competitiva do esporte, a qual deixava de lado vários sujeitos que circulavam nos Centros Comunitários, minha intervenção se deu, primeiramente, na discussão com seus/suas coordenadores/as e técnicos/as de Educação Física sobre o papel pedagógico do esporte. Considero o diálogo estabelecido com esses profissionais como muito importante no que respeita a minha atuação junto à formação de pessoas: não estava mais trabalhando com crianças ou jovens, mas com professores/as de Educação Física com longa atuação na área cujos conceitos, representações e práticas estavam bastante arraigadas no seu fazer pedagógico.

Destaco um acontecimento que nas minhas memórias ficou registrado como representativa dessa atuação: depois de muitos embates e diálogos, a realização dos campeonatos esportivos entre os Centros Comunitários foi redimensionada. Não mais o quadro de medalhas para mensurar qual era o Centro com maior destaque esportivo mas a ênfase na ampliação e participação de crianças e jovens nesses eventos e nas escolinhas sistemáticas. A esse novo direcionamento, marcado por outro modo de promover políticas públicas de esporte e lazer, atribuí a denominação de *Por trás das Medalhas*.<sup>18</sup>

Vale lembrar que minha atuação na FESC se deu no Governo Olívio Dutra (1989-1993), do Partido dos Trabalhadores (PT), a primeira gestão de esquerda da cidade de Porto Alegre. Foi nesse período que iniciei meu envolvimento com o tema das políticas públicas de esporte e lazer cujos embates estiveram e estão relacionados à preservação dos espaços públicos com a oferta de equipamentos e serviços qualificados de atendimento a diferentes grupos sociais, sobretudo, os mais desfavorecidos e desprovidos de outras possibilidades de frequentarem espaços/atividades de esporte e lazer.

---

<sup>18</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Nacional de Ginástica, realizado em Pelotas no ano 1991.

Ressalto como ilustrativo desse período a participação em um movimento em prol da criação da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) cujo processo envolveu a participação em reuniões do Orçamento Participativo, discussões com profissionais da área da Educação Física e afins, encontros com gestores e líderes comunitários e a produção e publicação de um documento<sup>19</sup> elencando pontos necessários para a estruturação das políticas públicas de esporte e lazer em Porto Alegre.

No âmbito da produção acadêmica, o que escrevi nesse período esteve relacionado às disciplinas cursadas no Mestrado<sup>20</sup> cujo foco começa a se deslocar de temas relacionados à formação em Educação Física para a especificidade, de trabalhos de cunho historiográfico com ênfase para a História da Educação Física e do Esporte no Brasil, terreno no qual se inscreve o segundo enfoque de meus escritos, de minha intervenção político-pedagógico e minha atuação na formação de pessoas.

### **3.2. Educação Física e Esporte: histórias e memórias**

A Educação Física brasileira tem sido, nos últimos tempos palco de inúmeras e profundas discussões. Vimos despontar, no final da década de 70 e início dos anos 80, uma quantidade de autores a orientar seus estudos na tentativa de compreendê-la na sua complexidade. Ou seja, autores que transcendem a análise unilateral dos elementos intrínsecos a sua ação, como por exemplo, as técnicas, táticas, seqüências pedagógicas, regras disciplinares, metodologias e outros e alargam-lhes os horizontes a partir de uma observação bem mais abrangente, que diz respeito aos seus condicionantes sócio-históricos; (...) Decorrente da adoção de novos referenciais, a história da Educação Física despontou enquanto uma área de estudo onde o historicizar trouxe como pressuposto o estabelecimento de nexos entre os acontecimentos específicos da Educação Física com o momento histórico nos quais aconteceram; isto é, compreendendo os primeiros à luz de seus determinantes econômicos, políticos e ideológicos” (GOELLNER, 1992, p. 2-3)

---

<sup>19</sup> GOELLNER, S. et all. *Proposta de políticas públicas para o lazer e o esporte de Porto Alegre*. In: FRENTE POPULAR. Proposta de Governo, Porto Alegre: Partido dos Trabalhadores, 1991.

<sup>20</sup> Destaco: GOELLNER, S. *A categoria atividade e suas implicações no desenvolvimento humano*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.13, n.2, p. 288-295, 1992; GOELLNER, S.; SOARES, C. L. *O elogio à diferença: o avesso da segregação*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.15, n.3, p. 263-265, 1994.

As palavras acima reproduzidas foram extraídas das páginas iniciais de minha dissertação de mestrado intitulada *O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*, defendida nesta Escola no ano de 1992.

Ao reler o que escrevi reconheço os aportes teóricos e a concepção historiográfica presente nessa minha primeira investigação de fôlego. Instigada pelas críticas que tinha em relação à ênfase no esporte como o principal e, por vezes, único conteúdo trabalhado na Educação Física escolar (e nos Centros Comunitários) decidi investigar como essa disciplina curricular havia se estruturado no Brasil e me deparei com o Método Ginástico Francês, reconhecido como o conteúdo que marcou a consolidação da Educação Física na escola. A opção por analisá-lo se deu em função de sua importância “não apenas por ter sido hegemônico por um longo período de tempo nessa instituição mas, principalmente, porque pela maneira com que se desenvolveu, acabou deixando marcas profundas no fazer pedagógico desta disciplina curricular” (GOELLNER, 1992, p. 3).

Eu queria entender as “origens e as repercussões” da “Educação Física Militarista”<sup>21</sup> uma vez que o Método Ginástico Francês era originado na Academia Militar de Joenville Le Pont (Paris) com forte fundamentação em estudos da área da Fisiologia.

Vale lembrar que o Método Francês chegou ao Brasil em 1907, quando o governo contratou uma missão militar francesa para ministrar instrução à Força Pública do Estado de São Paulo. Ali fundou uma “Sala de Armas” que anos mais tarde transformou-se na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo. Sua oficialização e inserção no cenário nacional se deram na década de 1930, tornando-se conteúdo obrigatório nas instituições de ensino. Em 1933 foi a matriz teórica da Escola de Educação Física do Exército, formadora do pensamento pedagógico da época e fonte de inspiração para a criação de várias escolas de Educação Física em outros estados, inclusive, nossa Escola, que foi criada em 1940 e federalizada em 1969.

Observando essa dissertação vinte e cinco anos depois de sua produção, identifiquei alguns de seus limites, dentre os quais destaco: uma análise generalizada através da qual desconsidere as especificidades regionais e culturais dos diferentes estados brasileiros e o privilégio pela análise de documental, mais especificamente, de

---

<sup>21</sup> Essa denominação encontrava fundamento no livro *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social da Educação Física*, de Paulo Guiraldelli Júnior (1988).

fontes oficiais. Ainda assim, estou ciente de que essas foram as análises possíveis de serem feitas naquele momento, pois estavam iluminadas por uma perspectiva teórica e metodológica que permitia que fosse assim e não de outro modo. Vale lembrar que o movimento de renovação historiográfica da Educação Física brasileira dava seus primeiros passos e, portanto, ainda eram insipientes as novas abordagens, objetos, problemas e fontes.

Decorre dessa pesquisa e dos investimentos teóricos e analíticos que fiz para a sua realização, a publicação de alguns textos em forma de capítulos de livro<sup>22</sup>, artigos<sup>23</sup> e anais de congressos<sup>24</sup>, tanto relacionados à própria dissertação quanto a desdobramentos desta.

Concluí o Mestrado em abril de 1992 ainda trabalhando na Fundação de Educação Social e Comunitária, da qual me desvinculei em abril de 1993 quando assumi o cargo de professora na ESEF/UFRGS<sup>25</sup>. Inaugura aqui uma nova etapa na minha carreira acadêmica marcada pelo redirecionamento no que tange a formação de pessoas: não mais técnicos/as, coordenadores/as, usuários/as das políticas públicas de esporte e lazer, líderes comunitários mas estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física.

Ser professora universitária mostrou-se como a concretização de um desejo e, também, como um grande desafio. De início fui responsável por três disciplinas: Introdução à Educação Física, História da Educação Física e Teoria da Educação Física ministradas, respectivamente, no 1º, 3º e 5º do semestre do curso. Ainda que apresentando diálogos entre si, as disciplinas exigiam uma demarcação de suas

---

<sup>22</sup> Destaco: GOELLNER, S. *O método francês e a militarização da Educação Física na escola brasileira*. In: FERREIRA NETO, A. (Org.) *Pesquisa Histórica na Educação Física brasileira*. Vitória: UFES, 1996; GOELLNER, S. et al. *Projeto Bibliografia - descortinando fontes para a História da Educação Física e do Esporte no Brasil*. In: FERREIRA NETO, A. (Org.) *Pesquisa Histórica na Educação Física - Vol. 2*. Vitória: UFES, 1998.

<sup>23</sup> Destaco: GOELLNER, S. *O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*. Espaço. Porto, v.2, p.51-58, 1993; GOELLNER, S. et al. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física*. Lecturas, vol.4, p. 23-31, 1998; GOELLNER, S. *Jean-Jacques Rousseau y la educación del cuerpo*. Lecturas, vol. 3, p. 3-10, 1997.

<sup>24</sup> Destaco: *O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*. In: Coletânea de Autores do I Encontro de História da Educação Física e Esportes (Campinas, 1996); *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e do Esporte no Brasil: o perfil de uma Revista e As mulheres e as práticas corporais e esportivas no início do século: beleza, saúde e feminilidade*. In: Coletânea de Autores do VI Congresso de História do Esporte, Lazer e Educação Física (Rio de Janeiro, 1998); *Educação física escolar: revisitando sua história*. In: Simpósio Nacional de Ginástica (Pelotas, 1993).

<sup>25</sup> Em novembro de 1992 prestei concurso público para História de Educação Física, sendo classificada em 1º lugar. Em outubro de 1992 eu havia sido classificada em 1º lugar em concurso público na Área de

especificidades de modo que não houvesse sobreposição de conteúdos. Atuei com essas disciplinas até o final de 1995 quando solicitei afastamento para iniciar, em março de 1996, meu Doutorado na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Tão logo iniciei minha atuação na ESEF, assumi a coordenação do *Programa de Especial de Treinamento (PET)*, hoje denominado *Programa de Educação Tutorial*. Foram oito anos na coordenação desse grupo, então composto por treze bolsistas tendo como finalidade primeira a formação de jovens com perfil afinado à pesquisa.

Direcionei minha atuação junto ao PET considerando esse objetivo, mas de certo modo, significando-o a partir da convicção que tinha (e ainda tenho) de que a experiência em pesquisa, ainda que seja uma importante dimensão da carreira acadêmica, não é a única que forma o pesquisador ou a pesquisadora. Foi nessa direção que investi na formação daqueles e daquelas jovens articulando as atividades de ensino com a pesquisa e a extensão, agregando ainda a participação e organização de atividades artísticas e culturais. Dentre as atividades desenvolvidas, além das reuniões sistemáticas de estudo, da participação em eventos e da realização das pesquisas individuais, destaco: os projetos de Extensão *Viva Maria*<sup>26</sup>, a organização de eventos<sup>27</sup>, o intercâmbio internacional<sup>28</sup>, as atividades de ensino na graduação<sup>29</sup> e a pesquisa coletiva. Gostaria de destacar que, dentre as inúmeras atividades desenvolvidas junto ao PET, a preocupação com uma formação ampla sempre esteve presente assim como o caráter coletivo.

Mais do que a realização de pesquisas individuais incentivei o envolvimento do grupo em atividades que percorressem outros espaços que não apenas os relacionados à Universidade. Espaços através dos quais pudessem visualizar e problematizar a diversidade dos saberes, dos sujeitos e das práticas. Além disso, atuei junto ao grupo

---

Ginástica e Recreação na Universidade Federal de Pelotas, vaga que não cheguei a assumir em função da aprovação na UFRGS.

<sup>26</sup> Desenvolvido na Casa de Apoio Viva Maria, em Porto Alegre por meio da realização de atividades lúdicas com moradoras da Casa (mulheres em situação de violência doméstica) e filhos/as. Além das atividades discutíamos temas como violência doméstica, assédio e abuso sexual. Esse trabalho resultou na publicação de um artigo e um capítulo de livro: GOELLNER, S. et all. *O trabalho corporal como integrante do processo de resgate da auto-estima em mulheres vítimas de violência*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.15, n.3, p. 264-270, 1994; GOELLNER, S. et all *Cães, mulheres e nogueiras: quanto mais se bate melhor*. In: ROMERO, E. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995.

<sup>27</sup> Destaco: *Seminário Reforma Curricular; Encontro Regional de Grupos PET; III Encontro Internacional UFRGS-Universidad Católica de Valparaíso*.

<sup>28</sup> Recebemos na ESEF professores/as e estudantes da Universidad Católica de Valparaíso (Chile) bem como fomos ao Chile por uma semana, no ano de 1994, na continuidade do intercâmbio. Lá realizamos visitas a instituições universitárias nos quais apresentamos os trabalhos desenvolvidos pelo grupo.



considerando a atividade de pesquisa de modo amplo relacionada, sobretudo, a uma atitude investigativa, criadora que faz pulsar em nós o desejo de conhecer algo que desconhecemos ou que pouco conhecemos.<sup>30</sup>

Essa percepção e esse modo de conduzir o grupo demonstravam minha intenção pedagógica e política que era construir, junto com esse grupo, um olhar sobre a formação profissional de modo a prestar a atenção e visibilizar quem e o que, na oficialidade dos discursos institucionais, encontrava-se nas sombras.

Essa mesma intencionalidade conduzia meu trabalho junto às disciplinas de graduação e também as ações de extensão que coordenei, a saber: *Programa de Educação Física Continuada*,<sup>31</sup> *Educação Física 6 & 1/2*,<sup>32</sup> e *Capoeira*.<sup>33</sup> Nesse mesmo período organizei e coordenei o *Curso de Especialização em Metodologia de Ensino*, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre visando a formação continuada de seu quadro docente.

Se, como já mencionei anteriormente, a Educação Física escolar e a formação não era temática central na minha produção acadêmica, essa preocupação mostrava-se recorrente no âmbito da extensão e do ensino.

Ao sintetizar a descrição de minha atuação da ESEF nos dois primeiros anos (1993-1995) e aqueles que antecederam meu afastamento para o Doutorado, recorro a um pequeno fragmento de uma poesia que, desde minha entrada na UFRGS, apresento na aula inaugural da disciplina História da Educação Física e atualmente na disciplina Estudos Socioculturais III.

E a história humana não se desenrola, apenas nos campos de batalha e gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas. Nas ruas do subúrbio, nas casas de jogos, nos prostíbulos. Nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada porque o canto não pode ser uma traição à

---

<sup>29</sup> O grupo era responsável, a cada semestre, por ministrar duas aulas na disciplina *Introdução à Educação Física* na graduação em Licenciatura em Educação Física.

<sup>30</sup> Desenvolvi esse tema no artigo: GOELLNER, S. *Educação e Educação Física: uma perspectiva de pesquisa*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 20, n.2, p.156-161, 1999.

<sup>31</sup> Consistia na oferta de cursos ministrados oferecidos nos finais de semana com carga horária de 20 horas. Coordenei o Programa nos anos de 1993 e 1994 tendo como Vice-Coodenador o servidor técnico-administrativo Alberto Ramos Bischoff.

<sup>32</sup> Consistia na promoção de palestras que aconteciam a cada 15 dias, nas quintas-feiras, às 18:30 horas.

<sup>33</sup> Visando atender uma solicitação dos discentes da graduação que não tinham esse conteúdo no seu currículo, o curso se desenvolveu por meio de aulas práticas e teóricas, ministradas pelo mestre de capoeira Anselmo Accurso.

vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz (FERREIRA GULLAR, 1997, p.24).

Recorro a esse trecho para evidenciar que a ancoragem teórica que orientava e orienta minha ação pedagógica no ensino, na extensão, da orientação de estudantes e na produção acadêmica, identificava na História, a possibilidade de reconstruir outro olhar sobre o mundo que não aquele “oficial”.

### *A Nova história e a História das Mulheres*

Entre janeiro de 1996 e dezembro de 1999 morei na cidade de Campinas (SP) em decorrência da realização do Doutorado na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Dentre as inúmeras possibilidades de focalizar sujeitos cujas vozes pouco reverberavam no âmbito da Educação Física e do esporte no Brasil, as mulheres eram meu foco de investigação.<sup>34</sup> Minha primeira intenção era escrever sobre uma única mulher: a nadadora paulista e recordista mundial Maria Lenk cuja atuação rompeu inúmeras barreiras em territórios nos quais os homens tinham mais acesso e poder, muitos deles médicos ou militares. Foi a primeira atleta sul-americana a participar dos Jogos Olímpicos (1932), a primeira mulher a integrar o Conselho Nacional de Desportos (1940) e a primeira mulher a dirigir uma Escola de Educação Física (UFRJ, 1980).<sup>35</sup>

Ao buscar vestígios e testemunhos na sua história pessoal, na história política do país e na história da Educação Física, me deparei com outras mulheres, menos famosas mas também possuidoras de histórias, desejos, vontades. Escolho o primeiro periódico específico da área como fonte de investigação analisando como as mulheres eram exibidas em suas páginas e o que circulava sobre elas. A tese, defendida em novembro

---

<sup>34</sup> Destaco as publicações: GOELLNER, S. *A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade*. Motrivivência, v.16, p.32-52, 2001; GOELLNER, S. *A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40*. Movimento, v.13, p.61-70, 2000; GOELLNER, S. *Imperativos do ser mulher*. Motriz, v.5, p. 40-42, 1999; GOELLNER, S. *Sobre mujer y deportes*. Boletín Electronico del Centro de Estudios La Mujer En La Historia de America Latina, Lima, v.2, 2000; GOELLNER, S. *As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século*. Movimento, v.9, p. 47-57, 1998; GOELLNER, S. *Genero y mujer in Internet: algunas posibilidades de navegación*. Lecturas, v.13, 1999; GOELLNER, S. *Deportes y mujeres: reflexiones sobre la participaión femenina en un mundo predominantemente masculino*. Mundo Amateur, Buenos Aires, 2000.

de 1999, intitulou-se *Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física*, publicada em forma de livro no ano de 2003 pela Editora Unijuí. Reproduzo, aqui, seus últimos parágrafos:

As imagens presentes na *Revista Educação Física* e aquilo que delas permanece noutros lugares e noutros tempos, afirmam uma permanência disfarçada pela sutileza das pequenas alterações e pelas formas sempre reinventadas de entendê-las e apreciá-las. Imagens representativas de determinadas escolhas estéticas e políticas que ao serem aceitas como normais possibilitam a existências de diferentes intervenções sobre corpo feminino na tentativa de corrigir distorções ou anular desvios. Bela, maternal e feminina, imagens afirmativas que permitem compreender que o corpo da mulher ao mesmo tempo que é seu não lhe pertence (GOELLNER, 2003, p. 132).

Inspirada pelas disciplinas que cursei, a Tese dialoga com outra vertente historiográfica: a Nova História. Tal descontinuidade na ancoragem teórica se dá em função de leituras de autores que até então desconhecia como os precursores da Escola dos Anales, Marc Bloch e Lucien Febvre e seus seguidores.<sup>36</sup> No final dos anos de 1980 e início de 1990, vários aportes teórico-metodológicos começam a ganhar fôlego em diferentes campos que dialogam com a pesquisa historiográfica. A história oficial passa a ser veementemente questionada, o que veio ao encontro de minhas intencionalidades políticas e teóricas. Juntamente com esse rechaço, a dessacralização da “história vista por cima”, a flexibilidade dos diálogos interdisciplinares e a ampliação da noção de fonte fizeram com que meu olhar se voltasse para a História Cultural. Na Tese, diferente do que havia acontecido na Dissertação, as imagens integraram as minhas análises. Foram também fontes de investigação do projeto *Olhares sobre o esporte na transição dos séculos XIX e XX: fotografia e literatura - uma análise comparada entre Rio de Janeiro e Porto Alegre*<sup>37</sup> com o qual fui contemplada com Bolsa Produtividade Pesquisa do CNPq (2000-2002).

---

<sup>35</sup> Esse estudo resultou no trabalho: GOELLNER, S. *História e imagens da Educação Física: estudo biográfico e iconográfico de Maria Lenk*. In: Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFG/EEF, 1996. p. 469-475.

<sup>36</sup> Sobre esse tema publiquei: GOELLNER, S. *Marc Bloch: um combatente da e pela História*. Revista Comunicação Universitária, v.1, p.51-52, 1996.

<sup>37</sup> Resultou a seguinte publicação: GOELLNER, S. et all. *Educação Física e História: literatura e imagem como fontes*. In: RUBIO, K.; CARVALHO, Y. (Org.). Educação Física e Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 2001.

Essa descontinuidade teórica não se fez presente apenas na produção da tese, mas nos livros<sup>38</sup> que organizei e nos capítulos de livros<sup>39</sup> e artigos<sup>40</sup> que escrevi nesse tempo. Percebo que era outro o meu olhar sobre a história e sua escrita assim como sobre os objetos os quais investigava. Era outro, portanto, o meu olhar sobre a História da Educação Física e do Esporte no qual as mulheres ganharam protagonismo.

Com relação à minha produção acadêmica devo ressaltar que a leitura de autoras como Joan Scott, Michele Perrot, Margareth Rago, Mary Del Priori e Guacira Lopes Louro foram determinantes para fortalecer a opção temática que já vinha no entorno de minha produção: a História das Mulheres.

Adotar como objeto de investigação as mulheres, os esportes e suas historicidades, foi uma opção individual e também política porque na historiografia do esporte e da Educação Física no Brasil essa temática ainda era pouco abordada em pesquisa que extrapolavam a mera descrição das participações em campeonatos ou vitórias conquistadas. Busquei analisar contextos específicos nos quais as mulheres ascenderam ou não ao esporte, as disputas necessárias para permanecer no campo, os embates envolvidos na busca por reconhecimento e significação em um território representado como de prevalência dos homens<sup>41</sup>.

A centralidade do trabalho na formação, pesquisa e extensão com a área da História e, mais especificamente, a História das Mulheres no esporte iniciada durante o período que realizei o Doutorado, desde então, tem sido recorrente na minha intervenção pedagógica. Resulta de investigações nessa área alguns desdobramentos que gostaria de salientar: a aprovação pelo CNPq do projeto *Mulheres atletas: o esporte*

---

<sup>38</sup> GOELLNER, S.; BRACHT, V.; FERREIRA NETO, A. (Org.). *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995; GOELLNER, S.; MELO, V. *História da Educação Física e do Esporte. Diretório Brasileiro de Pesquisadores*. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 1998.

<sup>39</sup> Destaco: GOELLNER, S. et all. *Women and sport in Brazil*. In: GUTTEMANN, A. et all. (Org.). *International Encyclopedia of women and sports*. New York: Macmillian, v.1, 2002; GOELLNER, S. *Gênero, Educação Física e Esportes*. In: VOTRE, S. (org.). *Imaginário & Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001; GOELLNER, S. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. In: FERREIRA NETO, A. (Org.) *Pesquisa Histórica na Educação Física*. Vitória: UFES, 2000.

<sup>40</sup> GOELLNER, S. *Corpo e História*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n.2, p. 206-212, 2002; GOELLNER, S. *Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista Educação Physica*. *Educação e Realidade*, v. 25, n.2, p. 77-95, 2001.

<sup>41</sup> Destaco: GOELLNER, S. *Pode a mulher praticar o futebol?* In: CARRANO, P.C. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000; GOELLNER, S. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história*. *Pensar a Prática*, v.8, n.1, p. 85-100, 2005; GOELLNER, S. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n.2, p. 143-151, 2005.

como espaço de visibilidade feminina (Bolsa Produtividade Pesquisa 2007-2010)<sup>42</sup> e a parceria acadêmica com as professoras Paula Botelho Gomes e Paula Silva, da Universidade do Porto (Portugal) bem como minha participação em atividades desenvolvidas pela Associação Portuguesa Mulher e Desporto.

Sobre essa parceria quero enfatizar alguns de seus desdobramentos tais como: a) a publicação de artigos em revistas nacionais e internacionais<sup>43</sup>; b) o desenvolvimento de pesquisa em conjunto<sup>44</sup>; c) o intercâmbio de professoras e estudantes<sup>45</sup>; d) a apresentação de trabalhos conjuntos em eventos<sup>46</sup>; e) o pós-doutoramento já mencionado anteriormente.

Minha imersão nessa temática reverberou não apenas na minha produção acadêmica mas na orientação de alunos e alunas de iniciação científica<sup>47</sup>, de

---

<sup>42</sup> Destaco: GOELLNER, S. *Deporte y cultura fitness: la asignación de género en los cuerpos contemporáneos*. Revista Digital Universitaria, v.9, p. 1-13, 2008; GOELLNER, S. *Os feminismos em Portugal*. Revista Estudos Feministas, v.15, p.125-130, 2008; DERÓS,C.; GOELLNER, S. *As mulheres na gestão do esporte brasileiro: um estudo pioneiro*. Movimento, v. 15, p. 235-246, 2009; 2009. GOELLNER, S.; JAEGER, A.; FIGUEIRA, M. *Mulheres e esporte: invisibilidades visíveis no skate e fisiculturismo*. Gênero, v.10, p. 293-310, 2010; JAEGER, A.; GOELLNER, S. *O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo*. Revista Estudos Feministas, v.19, p. 955-976, 2011.

<sup>43</sup> Destaco: GOELLNER, S. et all. *A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve Women's Cup*. Movimento v.19, p. 171-189, 2013; SILVA, P. et all. *Masculinities and sport: the emphasis on hegemonic masculinity in Portuguese physical education classes*. International Journal of Qualitative Studies in Education, v. 25, p. 1-23, 2011; SILVA, P. et all. *As relações de gênero da Educação Física escolar em Portugal: algumas orientações didática a partir do entendimento de alunas e alunos*. Gênero, v.10, p.169-190, 2011; GOELLNER, S. et all. *Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades*. Movimento, v.16, p.121-132, 2010; SILVA, P. et all. *Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.22, p. 219-233, 2008; SILVA, P. et all. *As relações de gênero no espaço da educação física - a percepção de alunos e alunas*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 8, p. 396-405, 2008.

<sup>44</sup> Sob minha coordenação: *Olhares feministas sobre mulher e esporte: estudo comparado entre Brasil e Portugal* (Apoio CNPq, Universal 2010); Sob a coordenação das portuguesas: *Treinadoras – dirigir outros desafios; Para uma Formação de Professores/as sensível às questões de Género. Uma investigação na Educação Física*.

<sup>45</sup> Em 2008 Paula Botelho-Gomes supervisionou o doutorado sanduiche de Angelita Jaeger que esteve 6 meses na Universidade do Porto e, em 2010, acolheu a mestranda Christiane Macedo durante a missão de curta duração no exterior. As professoras portuguesas participaram de dois seminários organizados na ESEF.

<sup>46</sup> *Narrativas de Mulheres sobre a generificação do esporte em Portugal* (Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2009); *Mulheres e esporte em Portugal* (XII Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, 2009), entre outros.

<sup>47</sup> Destaco: *Jogos Abertos Femininos: espaço de visibilidade das mulheres no esporte gaúcho* (Anna Maurmann, 2007); *O elegante esporte da rede. a estruturação do voleibol feminino no Rio grande do Sul*. (Karine Dalsin, 2004); *Memórias do judô feminino no Rio Grande do Sul: histórias a serem contadas* (Ana Paula Duarte, 2006) *Geny Mascarelo: um ícone feminino do esporte gaúcho*. (Rossana Ramos, 2007).

trabalhos de conclusão de curso de graduação<sup>48</sup>, especialização<sup>49</sup>, mestrado<sup>50</sup> e doutorado<sup>51</sup>.

A partir do adensamento de minhas pesquisas sobre mulheres e esporte dois temas começaram a circular nas minhas diferentes intervenções pedagógicas com mais frequência: o *corpo* e a *memória*.

Chamo a atenção para esses temas porque serão determinantes na análise de minha trajetória, fundamentalmente, porque em torno deles se farão visíveis muitas atividades voltadas para a formação de pessoas, a pesquisa, a extensão e a produção acadêmica.

Antes de descrever essas ações, gostaria de registrar que em março de 2000 reassumi minhas atividades na ESEF depois de quatro anos de afastamento. De imediato retornei a ministrar a disciplina *História da Educação Física*, voltei para a Coordenação do Grupo PET<sup>52</sup>, me envolvi com a organização de eventos<sup>53</sup>, projetos de extensão<sup>54</sup> e de pesquisa<sup>55</sup>. A partir deste retorno, dois novos desafios integraram meu cotidiano docente: a coordenação do Centro de Memória do Esporte assumida tão logo voltei para a ESEF e participação como professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, em 2007. Gostaria de esclarecer que abordarei essas duas

---

<sup>48</sup> Destaco: *Mulheres gestoras em federações esportivas do Rio Grande do Sul* (Anna Maurmann, 2007); *Incentivos e dificuldades vivenciados por atletas do futsal feminino universitário*. (Paula Astarita, 2009); *A construção de uma ironwoman*. (Felipe Neves, 2009); *A história do fisiculturismo feminino no Rio Grande do Sul* (Cintia Leão, 2015).

<sup>49</sup> Destaco: *Feminilidades transgressoras*. (Cintia Kovara, 2002); *A construção de gênero na capoeira de Porto Alegre nos últimos dez anos*. (Ester Leão, 2003); *Filhas de Afrodite: herança de libertação ou aprisionamento?* (Cristina da Silva, 2003).

<sup>50</sup> Destaco: *Mulheres no universo cultural do boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no pugilismo gaúcho* (Isabela Berté, 2016); *Mulheres no octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades*. (Carla Grespan, 2014); *Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas*. (Suélen Andres, 2014) *Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de Rugby em Clubes de Porto Alegre*. (Thais Almeida, 2008).

<sup>51</sup> Destaco: *Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo*. (Angelita Jaeger, 2009); *Skate para meninas: modos de se fazer em um esporte em construção*. (Márcia Figueira, 2008).

<sup>52</sup> Em janeiro de 2006 deixei a coordenação do PET/ESEF por incompatibilidade com a Bolsa Produtividade Pesquisa do CNPq visto que a tutoria do PET recebe uma bolsa paga pelo Ministério da Educação.

<sup>53</sup> Participei da Comissão organizadora de dois eventos promovidos pela ESEF no ano 2000: VII Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, realizado em Gramado e Fórum Olímpico realizado em Porto Alegre.

<sup>54</sup> Ação de extensão *Café ConsCiência* que acontecia mediante a promoção de palestra com convidados externos à ESEF contando com a projeção e debates sobre filmes com relacionadas à Educação Física, esporte e lazer.

<sup>55</sup> Destaco: *Universiade 63: O momento olímpico gaúcho e O esporte em Porto Alegre na transição dos séculos XIX e XX*.

dimensões de minha trajetória acadêmica em separado no tópico *Dois lugares de meu fazer*, no qual descrevo com mais vagar minha intervenção.

### *História do Corpo*

Essa temática aparece na minha trajetória como um desdobramento dos investimentos na História das Mulheres e, em certa medida, dos Estudos de Gênero que me aproximei a partir da leitura de algumas autoras feministas tais como Linda Nicholson, Dagmar Meyer, Miriam Adelman, Tânia Swain, Dafne Patai, entre outras. Ainda que esse tema tenha se configurado como mais visível no meu percurso a partir do Doutorado, desde a graduação era temática latente, em especial, depois da leitura do clássico de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*.

Compreendi que falar das mulheres no âmbito da Educação Física e do Esporte era uma questão política. Afinal, elas sempre estiveram presentes nesses campos, mesmo que a história oficial lhes tenha conferido pouca visibilidade. Além disso, as condições de acesso e permanência eram muito distintas, se comparada aos homens. Enfim, percebi que as práticas corporais e esportivas eram generificadas e generificadoras e, para analisar temas afetos a essa diferenciação, prescindia de novos investimentos teóricos.

A Nova História possibilitava olhar para os corpos e sua produção mas foram os estudos de Michel Foucault, especialmente, a sua noção de poder que me ajudou a compreender que tudo, inclusive o corpo (representado prioritariamente como algo natural e imutável) tinha história. E essa história era atravessada pelas relações de gênero.

Desde essa perspectiva atuei na formação de pessoas seja tanto na graduação, como na pós-graduação. Desde que iniciei a trabalhar na ESEF inseri o conteúdo de História do Corpo e das Mulheres na disciplina de História da Educação Física (para a qual fiz o concurso público). Considerando a alteração curricular vivenciada na ESEF, esta disciplina desapareceu e hoje está sob minha responsabilidade a disciplina Estudos Socioculturais III cujo conteúdo contempla discussões sobre história do corpo, das mulheres, estudos de gênero, sexualidade, raça/etnia e pessoas com deficiência.

O enfoque na História do Corpo também teve outros desdobramentos: em 2002 criei o Grupo de Estudos sobre Corpo e Cultura (GRECCO), registrado no Diretório de Grupos do CNPq, congregando docentes da ESEF e de outras instituições, técnico-administrativos da UFRGS, estudantes de graduação, especialização, pós-graduação e o professor Giuliano G. de Assis Pimentel, da Universidade Estadual de Maringá que entre dezembro de 2010 e dezembro de 2001 esteve sob minha supervisão no seu Pós-Doutoramento, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

Considerando a relevância dos estudos historiográficos seja na minha formação acadêmica, seja na orientação de pessoas, seja na minha atuação junto ao Centro de Memória do Esporte, em 2014 a denominação do grupo foi alterada de modo a explicitar essa forte vinculação com o fazer historiográfico. Mantida a sigla, GRECCO passou a significar *Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História* cuja apresentação explicitada no seu portal da internet assim refere:

desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão privilegiando temas e teorizações no campo das ciências humanas e sua interface com o campo acadêmico-profissional da Educação Física. Esporte, Cultura e História das práticas corporais e esportivas têm sido os conteúdos privilegiados de intervenção política e pedagógica, os quais são analisados considerando questões que envolvem as relações de gênero, as sexualidades, a diversidade dos corpos, as representações na mídia e, sobretudo, a memória de sujeitos, grupos e instituições<sup>56</sup>

Completados quinze anos de exigência, o GRECCO se constitui como um espaço privilegiado na minha própria formação e na formação de outras pessoas dada a diversidade de atividades que seu acontecer demanda: orientação, coordenação de reuniões, projetos de pesquisa, atividades de ensino e extensão, organização e participação em eventos, publicações, entre outras.

Com relação ao GRECCO e gostaria de destacar algumas parcerias com outros grupos de pesquisa cujos resultados podem ser identificados na produção de pesquisas e publicações conjuntas e em atividades de formação de pessoas. Dentre eles destaco: o *Grupo de Pesquisa em Educação e Relações de Gênero*<sup>57</sup> (GEERGE- FACED/UFRGS),

<sup>56</sup> Disponível em <http://www.ufrgs.br/grecco/site/>

<sup>57</sup> Destaco a organização conjunta do *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (2003) que resultou na publicação de um livro pela Editora Vozes com o



o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE/FURG) e o Grupo de Estudos sobre Educação e Ciência como Cultura (FACED/UFRGS)<sup>58</sup>, o Grupo de Pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS/Universidade Gama Filho/UFJF)<sup>59</sup> e o Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (FACED-UFBA)<sup>60</sup>. Ressalto essas parcerias porque elas ampliaram a minha atuação junto à formação de pessoas. Além disso, foram fontes de inspiração para o adensamento de minha produção e intervenção na ESEF e fora dela.

Se o *corpo*<sup>61</sup> merece certo destaque dentro da minha atuação no campo da história diria e mesmo sobre a *memória*<sup>62</sup>. Sem querer fragmentar a produção em temas e subtemas, lhes dou maior visibilidade porque, como já destaquei, eles demandaram investimentos teóricos específicos os quais acabaram conferindo novos rumos à fundamentação teórica de minhas intervenções pedagógicas. Em relação aos estudos

mesmo nome. Em 2014, o livro teve sua 11ª reedição em 2011 o livro foi aprovado no projeto Sala de Leitura de São Paulo com publicação de 7.000 exemplares.

<sup>58</sup> Sobre a parceria com esses dois grupos destaco a realização de quatro edições do *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade* realizados em Porto Alegre e em Rio Grande além da organização do livros *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente* (2009) e *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas* (2007) ambos publicados pela Editora da FURG.

<sup>59</sup> Destaco a pesquisa conjunta: *Estudo sócio-diagnóstico sobre gênero e etnia em programas de esporte e lazer: subsídios para elaboração de políticas públicas inclusivas*, financiada pelo Ministério do Esporte que resultou na publicação de dois livros: *Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer* (2009) e *Gênero, raça, idade e deficiência: integração em projetos sociais do Rio de Janeiro* (2009) além de capítulos de livros e artigos publicados em periódicos.

<sup>60</sup> Destaco a publicação o conjunta e a organização de dois livros *Corpos Mutantes: ensaio sobre novas (d)eficiências corporais* (Editora da UFRGS, 2009) e *Triunfos do corpo: polêmicas contemporâneas* (Vozes, 2011).

<sup>61</sup> Destaco: GOELLNER, S.; FIGUEIRA, M. *A educação do corpo*. Mundo Jovem, v.347, p. 14-15, 2004; COUTO, E.; GOELLNER, S. *Bioarte: estéticas de corpos mutantes*. 404nOtFound, v. 26, p. 01-12, 2006; GOELLNER, S. *Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness*. Labrys, v.10, p.12, 2006; COUTO, E.; GOELLNER, S. *La estética de los cuerpos mutantes en las obras de Sterlac, Orlan e Gunther von Hagens*. Opción, v.54, p. 121-132, 2007; FARIAS, R.; GOELLNER, S. *A Capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 26, p. 143-155, 2007; SILVA, A.; GOELLNER, S. *Universo biotecnológico e fronteiras partidas: esporte, gênero e novo eugenismo*. Gênero, v.7, p. 81-92, 2007; GOELLNER, S. et all. *'Strong mothers make strong children': sports, eugenics and nationalism in Brazil at the beginning of the twentieth century*. Sport, Education and Society, v.1, p. 1-16, 2011; SIMÕES, R.; GOELLNER, S. *A educação do corpo para o "soldado integral", "forte de físico, culto de cérebro e grande de alma"*. Motriz, v.18, p. 327-337, 2012; GOELLNER, S. *Body, Eugenics and Nationalism: Women in the first Sport and Physical Education journal published in Brazil (1932-1945)*. The International Journal of the History of Sport, v. 31, p. 121, 2014; GOELLNER, S. *Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes*. Revista USP, p. 29-38, 2016.

<sup>62</sup> Destaco: GOELLNER, S. *A experiência do Centro de Memória do Esporte na produção, guarda e divulgação de acervos esportivos*. Acervo, v.27, p. 18-27, 2014; DORNELLES, E.; GOELLNER, S. *Capoeira no Rio Grande do Sul e oralidade: a trajetória de um mestre*. História Oral, v.16, p. 235-255, 2013; GOELLNER, S. et all. *Memórias da Dança: Beatriz Consuelo (1931-2013)*. Cena, v.14, p.1-5, 2013. GOELLNER, S. et all. *Garimpando memórias: entrevista com Jorge Pinto Ribeiro (1955-2012)*. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v.17, p. 495-499, 2012; KAMINSKI, L.; GOELLNER, S.

sobre História do Corpo destaco autores como Georges Vigarello, Georges Duby, Alain Conbin, Jean-Jacques Courtine, Roy Porter, José Gil, Denise Sant'Anna, Carmen Lúcia Soares, Mary Del Priori, entre outros. Esses estudos também possibilitaram o diálogo com o tema da memória, o que demandou novos investimentos teóricos e metodológicos assim como uma nova frente de atuação, ligada à produção, preservação e disponibilização de fontes. É sobre esse foco que me debruço a seguir

### *Memórias e História Oral*

Considerando minha atuação no Centro de Memória do Esporte e o vínculo com a pesquisa historiográfica, no ano de 2002 dei início a uma pesquisa que até os dias de hoje se desenvolve com a mesma intensidade e potência. Trata-se do *Garimpendo Memórias: educação Física, lazer e dança*<sup>63</sup> que se concretiza por meio da realização de entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, eventos, representações, modos de vida, enfim, múltiplos aspectos relacionados às práticas corporais e esportivas no contexto brasileiro. Sua fundamentação recai na História Oral, entendida a partir de três atribuições: como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas; como uma metodologia de investigação científica e como uma fonte de pesquisa.<sup>64</sup>

A opção pela História Oral justifica-se porque, dentre outras possibilidades, ela permite [...] ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas. (PATHAI, 2010, p. 124).

---

*Corpo discente em movimento: reivindicações estudantis na Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul (1957-1964)*. Motriz, p. 984-994, 2010.

<sup>63</sup> O projeto foi aprovado em dois editais do CNPq e recebeu os seguintes recursos: R\$ 10.800,00 em 2007 e R\$ 21.910,00 em 2004. Foi, ainda, aprovado para concessão de uma bolsa de Apoio Técnico e minha Bolsa Produtividade em Pesquisa no período 2003-2007. Aprovado no Comitê de Ética da UFRGS em 2007.

<sup>64</sup> Sobre projeto destaco: Livro: GOELLNER, S.; JAEGER, A. *Garimpendo Memórias: esporte, Educação Física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. Artigos: GOELLNER, S. et all. *História Oral na era digital: a experiência do Projeto Garimpendo Memórias*. História Oral, v.19, p. 41-58, 2016. GOELLNER, S.; MUHLEN, J. *Garimpendo Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança no Rio Grande Do Sul*. Oralidades, v.7, p.53-66, 2010. Capítulo de Livro: GOELLNER, S. *Garimpendo memórias: esporte, lazer e Educação Física*. In: RODEGHERO, C. (Org.). *História oral e práticas educacionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2016, p.191-200, entre outras publicações.

Para dar consistência teórica e metodológica ao projeto investi nos estudos sobre História Oral e memória. Destaco a vasta produção desenvolvida por autores vinculados ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, ligado à Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), uma referência nacional e internacional sobre o tema. Também se configurou como basilar a leitura de autores/as como Verena Alberti, Olga Von Simpson, Eclea Bosi, Fernando Cartroga, Henry Rousso, João Carlos Meihy, entre outros, para quem a memória, ainda que seja guardada por um indivíduo e tem como referência suas experiências e vivências, sendo profundamente marcada pelo grupo social onde conviveu e se socializou.

Gostaria de enfatizar que ao longo de sua existência foram já foram realizadas 789 entrevistas. Destas 552 estão disponíveis para consulta online no LUME - Repositório Digital da UFRGS e na homepage do Centro de Memória do Esporte<sup>65</sup>, 21 foram descartadas (problema com áudio ou não autorização por parte da pessoa entrevistada) e 216 estão em processamento que envolve as etapas de transcrição, copidesque, pesquisa, revisão pelo/a entrevistado/a e assinatura da carta de cessão de direitos autorais para o CEME. Considerando a importância de documento que resulta desse processamento, faço a revisão de cada entrevista antes de encaminhar sua publicação.

Uma das tarefas mais desafiadoras do projeto *Garimpendo Memórias* recai no tempo que uma entrevista leva para ficar pronta e ser disponibilizada como documento textual. Estou me referindo à defasagem que existe entre a realização da entrevista e a sua publicação. Essa constatação levou à criação de uma base de dados contendo a listagem de todas as entrevistas realizadas, além de relatórios de acompanhamento do seu processamento, possibilitando, assim, um maior controle sobre sua produção e publicação. Considerando a especificidade do projeto e visando a padronização de seus procedimentos metodológicos, produzi, juntamente com integrantes do GRECCO, um documento que orienta todos os processos da realização das entrevistas desde a escolha da pessoa a ser entrevistada até a publicação da entrevista nas plataformas digitais. Intitulado *Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*,<sup>66</sup> esse material objetiva ainda a formação de pessoas para

---

<sup>65</sup> Disponível em < <http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>>

<sup>66</sup> Criado em 2005 o documento foi revisto em 2012 e, em 2017, teve sua última atualização agregando informações sobre a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

operar com a História Oral. Ou seja, traduz-se em uma estratégia para formação de jovens pesquisadores/as<sup>67</sup> no que respeita à temas relacionados às técnicas de produção de fontes, à conservação de materiais audiovisuais, à padronização de metadados, à propriedade intelectual em contextos digitais e às mudanças tecnológicas no trabalho com fontes orais.

Passados quinze anos são muitas as publicações resultantes desse montante de entrevistas realizadas<sup>68</sup>. Grande parte delas oriundas de trabalhos de graduação e pós-graduação visto que, como metodologia, a História Oral se faz presente para narrar histórias e memórias de sujeitos, grupos, práticas e instituições.

Para finalizar este item quero enfatizar que a narrativa historiográfica compõe grande parte de minha produção acadêmica, inclusive, as pesquisas de maior duração. Ao longo deste período me envolvi com temas relacionados à História da Educação Física e do Esporte, à História das Mulheres, à História do Corpo e à História Oral. Poderia acrescentar, ainda a História Cultural, que abrange temas, objetos, problemas e métodos imbricados nestas últimas vertentes e que permitiu o diálogo com outro campo que se inscreve na minha trajetória acadêmica: os Estudos Culturais.

Antes de explicitar minha aproximação com esse campo de estudos, evidencio que várias das pesquisas que orientei foram desenvolvidas com o aporte teórico-metodológicos do campo da Historiografia assim como outras encontraram sua fundamentação nos Estudos de Gênero, nos Estudos Feministas e nos Estudos Culturais. É sobre esse diálogo que escrevo no item a seguir cuja ênfase recai em outro enfoque de minha produção acadêmica que também repercutiu em atividades de ensino, pesquisa, extensão, portanto, voltados para a formação de pessoas.

---

<sup>67</sup> Destaco alguns trabalhos produzidos por estudantes de graduação: *A História da disciplina de Handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. (Jamilé Klanovicz, 2016); *O futebol nos Jogos Olímpicos e a participação de atletas do Rio Grande do Sul* (Gustavo Bernardi, 2014); *Histórias do judô no Rio Grande do Sul segundo a narrativa de integrantes do Conselho de Kodanshas* (Alexandre Alves, 2013); *Monsueto, Nino Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho* (Ederson Dornelles, 2011); *Histórias do movimento estudantil de Educação Física no Rio Grande do Sul* (Leon Kaminski, 2008); *Memórias da criação da Maratona de Porto Alegre* (Giovanni Frizzo, 2006).

<sup>68</sup> Menciono apenas alguns artigos: MACEDO, C.; GOELLNER, S. *A primeira formação do Conjunto de Foclore Internacional Os Gaúchos*. Cena. v.15, p.1-12, 2014; MACEDO, C.; GOELLNER, S.; HAAS, A. *O Método Pilates no Brasil segundo a narrativa de algumas de suas instrutoras pioneiras*. Pensar a Prática, v.18, p. 20-32, 2015; NATIVIDADE, D.; MÜHLEN, J.; GOELLNER, S. *Fragmentos da história da ginástica rítmica no Rio Grande do Sul*. Pensar a Prática, v.16, p.101-117, 2013; GOELLNER, S. et all. *ESEF 70 Anos: o processo de federalização sob o olhar discente*. Movimento, v.10, p.10-35, 2010

### **3. Corpo, gênero e sexualidade: o encontro com os Estudos Culturais**

Descrever a própria trajetória não é tarefa fácil visto que os acontecimentos não se dão de modo linear, cumulativo ou sem contradição. O exercício de ver a si mesmo, retroativamente, exige ordenar tempos e experiência de modos a dar inteligibilidade a quem lê e avalia aquilo que no Memorial é descrito.

Nesse sentido, chamo novamente a atenção para o modo como construo minha narrativa: destacando temáticas e aportes teóricos recorrentes no meu fazer pedagógico entendendo que as escolhas, as continuidades e rupturas não impediram os diálogos entre tudo aquilo que me constitui.

O campo dos Estudos Culturais emerge dessa noção. Não aparece na minha produção e nas atividades de formação de pessoas apenas quando conheci o conceito ou quando busquei a leitura de autores/as a ele identificados. Se o cinema e a literatura, por exemplo, desde há muito tempo são vivenciados por mim como espaços de formação, do mesmo modo posso afirmar que nas minhas atividades pedagógicas acontecem com o mesmo sentido.

Mesmo sem denominar os filmes como “artefatos culturais” a presença deles compõe minha ação docente seja nas aulas, palestras, cursos, seja na organização de eventos, no desenvolvimento de pesquisas e na produção de trabalhos acadêmicos desde muito tempo. Minha aproximação com os Estudos Culturais se deu a partir da noção proposta pela Nova História, da ampliação da noção de fonte. Ou seja, um filme, uma poesia, uma carta, uma propaganda, um brinquedo, podem são fontes que podem dizer de um tempo que já foi e que não conhecemos ou vivenciamos. Essa percepção foi ampliada quando me deparei com os textos de Douglas Kellner, Shirley Steinberg, Stuart Hall, Rosa Fischer, Marisa Vorraber Costa, entre outros/as, cuja produção permite identificar a existência de uma pedagogia cultural que se dá para além das disciplinas que compõe a grade curricular.

Os Estudos Culturais na minha trajetória acadêmica emergiram, também, do diálogo com os Estudos de Gênero e os Estudos Feministas mais especificamente a partir de vertentes que rompem com a ideia da existência de um único modo de ser masculino ou feminino e que pressupõe uma eterna de dominação dos homens sobre as mulheres.

No entrecruzamento destes aportes teóricos outros temas ganharam notabilidade na minha intervenção pedagógica tais como sexualidade, gênero e raça/etnia. Se de um lado eles já figuravam nas pesquisas historiográficas talvez de modo um pouco tangenciado, com a apropriação de algumas ferramentas conceituais advindas dos Estudos Culturais, eles ganharam destaque.

Decorrente da ampliação de meu escopo investigativo emergiram várias ações focadas nestas temáticas, dentre as quais destaco a organização e coordenação do Curso de Especialização *Pedagogias do Corpo e da Saúde*, que contou com a realização de cinco edições entre 2001 e 2008 e a formação de 114 especialistas.

Tomando como referência as relações que se estabelecem entre educação e saúde, o Curso teve como objetivo aprofundar discussões e qualificar intervenções a partir de uma perspectiva multidisciplinar, onde o corpo era observado como uma construção histórico-social sobre o qual se articulam diferentes discursos. O corpo docente era formado por professores da ESEF, de outras unidades da UFRGS e de outras Universidades cuja atuação aproximava-se das ciências sociais e humanas.

Além desta iniciativa destaco outras relacionadas às temáticas corpo, gênero e sexualidade no que respeita ao ensino, à pesquisa e a extensão: a) a presença desses temas na disciplina de História da Educação Física e, atualmente, na disciplina Estudos Socioculturais III; b) oferecimento da disciplina optativa *Tópicos Especiais: Esporte, Mídia e Diversidade* destinada à alunos de graduação; c) a organização de eventos<sup>69</sup>; d) a realização e orientação de pesquisas<sup>70</sup>; f) a assessoria ao Ministério do Esporte.

Com relação à Assessoria ao Ministério do Esporte considero relevante enfatizar minha atuação junto a produção de materiais didáticos<sup>71</sup> e aos encontros de formação de pessoas (gestores/as, coordenadores/as e monitores/as) que atuam em alguns de seus

---

<sup>69</sup> Além dos já mencionados seminários organizados com os grupos de pesquisa GEERGE e FURG, destaco: a *I Jornada Gaúcha Corpo e Relações de Gênero na Contemporaneidade*, realizada em parceria com a PUC/RS e o *Seminário Diversidade Sexual, Relações de Gênero e Políticas Públicas*, em parceria com Instituto de Psicologia da UFRGS.

<sup>70</sup> Destaco as dissertações: *Placar e a produção de uma representação de futebol moderno*. (Renato Saldanha, 2009); *Jogos de Gênero em Pequim 2008: representação de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo Site Terra* (Johanna von Muhlen, 2010); *O passado é indestrutível: história e memória em Tango de Carlos Saura*. (Juliana Tavares, 2012); *Revista Sinos: a educação do corpo em uma instituição confessional de ensino* (Luis Roberto dos Santos, 2009) e *Representações do corpo adolescente feminino na Revista Capricho: saúde, beleza e moda* (Márcia Figueira, 2003).

<sup>71</sup> Destaco o material pedagógico intitulado *Gênero e raça: inclusão no esporte e no lazer* (2009) e os capítulos de livro *Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade*. In: Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo (2009 e 2010) e *Recreio nas Férias: reconhecimento do*

principais projetos sociais: Programa Segundo Tempo, Recreio nas Férias, Programa Esporte e Lazer na Cidade/Vida Saudável. Trabalhei com o aprofundamento de temas relacionados às questões de gênero no âmbito da elaboração, implementação e acompanhamento de políticas públicas. Para abordar as relações de gênero inseri também discussões afetas ao corpo e a sexualidade, temas até então praticamente inexistentes na agenda de discussão destes projetos. Além dos encontros presenciais, duas experiências se mostraram muito desafiadoras: a gravação de dois vídeos produzidos em estúdio<sup>72</sup> e a participação em duas videoconferências, uma transmitida pela UFMG em Belo Horizonte (2010) e outra pelo Ministério da Educação, em Brasília (2012).

Dada divulgação em larga escala destes materiais percebi o quanto essas temáticas ainda são pouco abordadas nos cursos de formação em Educação Física, pois tenho sistematicamente recebido e-mails solicitando informações sobre referenciais bibliográficos ou, ainda, sugestões para minimizar tensões em situações pontuais como, por exemplo, discriminação e preconceito por questões étnico-raciais, de gênero ou relacionada à orientação sexual.

Preocupada com a situação e com a falta de subsídios teóricos e metodológicos presente na formação inicial e continuada de professores que atuam no campo da Educação Física e áreas afins, tenho dedicado parte de minha produção acadêmica atual para essas temáticas, sobretudo, em publicações voltados para professores/as.<sup>73</sup> Considero necessário dizer que parte dessa produção não será avaliada pela Capes, pois não atende aos critérios de indexação de periódicos ou da classificação de livros. No entanto, como eu acredito que ser professora do ensino superior transcende a atuação como pesquisadora, ou ainda, minha classificação como “produtiva” (ou não) aos

---

*direito ao lazer e à diversidade*. In: Recreio nas Férias e os valores olímpicos. Está em editoração material pedagógico *Esporte, lazer e gênero*, um módulo de curso EAD ministrado pela UFMG para participantes do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável.

<sup>72</sup> Abordei os temas: *Questões de gênero* (9 minutos). In: Recreio nas Férias – Capacitação (2009) e *Corpo, gênero e sexualidade* (25 minutos). In: Fundamentos Teóricos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática (2010).

<sup>73</sup> Destaco os artigos: BIEDRZYCKI, B.; GOELLNER, S. *O brincar na construção de identidade de gênero de crianças internadas em um hospital de alta complexidade*. *Corpoconsciência*, v.1, p. 20-32, 2017; ANDRES, S. et all. *Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFMS)*. *Revista da Educação Física*, v.26, p. 5-17, 2015; GOELLNER, S. *A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade*. *Cadernos de Formação RBCE*, v.1, p. 71-83, 2010; GRSPAN, C. GOELLNER, S. *“Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual”*: *Sexualidade, educação e a potência do discurso heteronormativo*. *Revista FACED UFBA*, v. 19, p. 1-12, 2011 e vários capítulos de livro.

moldes da pós-graduação, mantenho essa prática porque entendo que o compromisso com a formação continuada é a principal atribuição da docência no ensino superior.

Considerando a lacuna presente na formação de professores de Educação Física acerca dos temas supramencionados, elaborei, em 2009, o projeto de pesquisa *Esporte e diversidade: subsídios teórico-metodológicos sobre gênero e sexualidade*, aprovado pelo CNPq (Bolsa Produtividade 2010-2014).

Enfim, ao longo deste item que denominei *A produção acadêmica e sua relação com a formação de pessoas: o ensino, a pesquisa e a extensão* destaquei as temáticas e os aportes teóricos que iluminaram e iluminam meu fazer pedagógico desde minha inserção no campo da Educação Física. Abordei esse tópico considerando três enfoques temáticos: 1) Educação Física e formação de pessoas; 2) História e Memória; 3) Gênero e Sexualidade. Olhando retroativamente esse percurso identifico que mais do que descontinuidades, há permanências, fundamentalmente na opção por investir em temáticas que mobilizaram minha inteligibilidade e sensibilidade dentre as quais destaco a *história, a memória, o corpo, as mulheres, as relações de gênero e a sexualidade* na interface com a Educação Física.

Por essa razão, como mencionei anteriormente, vou destacar em separado dois lugares nos quais atuo há algum tempo e que envolvem todos os enfoques temáticos até aqui elencados: O Centro de Memória do Esporte e o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.



## 4. Dois lugares de meu fazer

Cada um de nós compõe a sua história  
 Cada ser em si  
 Carrega o dom de ser capaz  
 E ser feliz  
 (Tocando em frente, Almir Sater)

Ao produzir esse Memorial me dei conta o quanto a ESEFID é importante em minha vida. Espaço de aprendizados, de disputas, de realizações, de frustrações, de desesperanças, de diálogos e de esperanças. Assumi minha vaga no dia 3 de maio de 1993, portanto, são 24 anos de história nesta instituição. Não há como rememorar grande parte do que vivi nas dependências do Campus Olímpico, ainda assim quero destacar dois espaços nos quais tenho imenso prazer de atuar, sobretudo, porque intimamente ligados à formação de pessoas incluindo eu mesma.

### 4.1. O Centro de Memória do Esporte (CEME)

Em 2000, tão logo retornei do meu afastamento para a realização do Doutorado, assumi um cargo que mantenho até hoje e que apresenta um forte caráter administrativo ainda que seja registrado como um programa de extensão que articula também o ensino e a pesquisa. Estou me referindo à coordenação do Centro de Memória do Esporte.

Criado em janeiro de 1997, pela professora Janice Mazo e a bibliotecária Rosalia Camargo, tem como objetivo reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul e no Brasil. Seu acervo comporta dez coleções, a saber: 1) *Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*: abriga registros relacionados à organização administrativa, política e pedagógica da instituição desde a sua fundação em 1940; 2) *Dança*: composta por materiais oriundos de pessoas, grupos, escolas e companhias de dança e suas diferentes manifestações; 3) *Recreação e Lazer*: contém documentos doados pela família de Frederico Gaelzer, os quais registram ações pioneiras relacionadas ao lazer, à recreação e a políticas públicas de esporte e lazer no Rio Grande do Sul; 4) *Olímpica*:

compreende materiais relacionados aos esportes olímpicos e paraolímpicos. Foi impulsionada pela doação que o médico e colecionador esportivo Henrique Licht fez, em novembro de 2002, de 7.905 itens históricos, dentre eles a primeira medalha olímpica conquistada pelo Brasil em 1920 nos Jogos Olímpicos da Antuérpia; 5) *Educação Física e Esportes*: coleção que originou a criação do CEME e inclui itens relacionados às práticas esportivas, considerando o esporte em suas diferentes manifestações; 6) *Universidade 1963*: agrega materiais relacionados aos Jogos Mundiais Universitários que aconteceram em Porto Alegre, no ano de 1963; 7) *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*: contém documentação desta sociedade científica que, em setembro de 2003, transferiu para o CEME o seu acervo histórico com o objetivo de preservá-lo, bem como facilitar as condições de acessibilidade aos registros; 8) *Movimento de Estudantes de Educação Física*: dispõe de uma série de documentos desde a sua fundação, na década de 1950; 9) *Programas Sociais*: coleção que se origina de uma demanda do Ministério do Esporte ao estabelecer uma parceria com o CEME/UFRGS para preservar o acervo de seus programas sociais de esporte e lazer; 10) *Futebol feminino*: criada em função da pouca visibilidade da modalidade. Reúne acervos de atletas, gestoras, equipes, entre outras.

Coordenar o CEME é, indubitavelmente, uma de minhas realizações profissionais. Produzir e preservar histórias e memórias, sobretudo de sujeitos, grupos e instituições que não figuram na “história oficial” tem sido algo que me comove e realiza, que me faz seguir na busca de novos desafios. Já são dezessete anos à frente do CEME e neste período foram muitas as atividades que realizei no que tange ao ensino, à pesquisa e à extensão. Para efeitos deste Memorial vou destacar algumas delas lembrando, ainda, que o CEME não é institucionalizado na ESEFID apesar de integrar a Rede de Museus e Acervos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (REMAM) e o Guia de Museus do Rio Grande do Sul. O único registro oficial que tem é como um Programa de Extensão que venho reeditando a cada dois anos desde 2000. Nesse sentido, gostaria de mencionar que ainda que eu desempenhe uma função administrativa, ela não é oficialmente reconhecida.

Além da recolha, preservação e divulgação dos acervos, o CEME desenvolve atividades sistemáticas e assistemáticas como, por exemplo, atendimento ao público, organização de eventos e exposições, oferecimento de oficinas temáticas para escolas entre outras.

Considerando a diversidade de seu acervo, o Centro de Memória do Esporte mantém relações com três tipos de instituições que atuam com a produção e a preservação de fontes históricas: museus, arquivos e bibliotecas. A característica museológica incorpora-se devido à natureza de alguns objetos que preserva, fundamentalmente aqueles reconhecidos como tridimensionais (vestuário, medalhas, troféus, entre outros), os quais possibilitam a organização de exposições consideradas como estratégias para ampliar a acessibilidade de seu acervo ao público não acadêmico. Por essa razão, desde a sua criação o CEME já realizou 44 exposições, dando visibilidade às suas dez coleções, seja na sua sede, seja em outros locais de Porto Alegre (Câmara de Vereadores, Shopping Total, Prefeitura Municipal, Teatro de Câmara, Hotel Plaza São Rafael, Centro Comunitário do Bairro Intercap, Sogipa, PUC, Museu do Internacional, entre outros) assim como em outras cidades: Gramado, Ijuí, Erechim, Brasília (DF), Juiz de Fora (MG) e Caxambu (MG)<sup>74</sup>.

Organizar uma exposição não significa apenas reunir peças de um acervo específico. Há, por trás daquilo que se exhibe, uma série de intervenções que prescindem de investigação e pesquisa: o que e como exhibir de modo a conferir inteligibilidade ao que se deseja apresentar e “dar a ver”. Portanto, cada experiência realizada nesse sentido traz consigo, já no momento de sua criação, um forte vínculo com a pesquisa e, sobretudo, com a formação de pessoas visto que sempre envolvi, nessa atividade, estudantes de graduação, mestrado e doutorado.

Ainda com relação às exposições, quero destacar duas que foram realizadas em parceria com o CEME em espaços museológicos com reconhecimento nacional e que tive a honra de ser curadora.

Em 2015 a convite da diretora pedagógica do Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembú, em São Paulo, fui curadora a exposição *Visibilidade para o Futebol Feminino*, que ficou aberta à visitação entre maio de 2015 a março de 2016. Para sua divulgação redigi este texto:

É muito comum em nosso cotidiano referirmos o Brasil como país do futebol. No entanto, uma parte dessa história ficou esquecida. Por mais de quatro décadas, as mulheres foram proibidas de jogar bola sob a justificativa de que era incompatível com a “sua

---

<sup>74</sup> Mais informações sobre cada exposição podem ser acessadas no *site* do Centro de Memória do Esporte. Disponível em <http://www.esef.ufrgs.br/ceme/index.html>.

natureza.” Apenas em 1983 o futebol feminino foi regulamentado.

A exposição *Visibilidade para o Futebol Feminino* propõe outro sobre este esporte. Buscamos revelar histórias esquecidas de mulheres que lutaram pelo direito de jogar bola! Nas bandeiras da fachada do Pacaembu estampamos 24 jogadoras que atuaram na seleção desde a primeira geração. Recuperamos poesias, objetos, imagens, vídeos que evidenciam a presença das mulheres no campo de jogo e fora dele no Brasil e também no Reino Unido, França e Estados Unidos. Estes registros pretendem mostrar que mulher joga futebol, “com muito orgulho, com muito amor” (MUSEU DO FUTEBOL, 2015).

A organização desta exposição possibilitou que eu fizesse contato com mulheres que fizeram e fazem o futebol desde a década de 1970. Destaco as jogadoras desde a primeira seleção nacional, árbitras, treinadoras, jornalistas esportivas e gestoras, entre outras. Muitas delas emprestaram materiais do seu acervo pessoal para a exposição autorizando ainda sua digitalização e disponibilização para consulta. Essa ação resultou na organização de um trabalho conjunto entre o CEME e o Museu do Futebol no que tange a produção de acervos e fontes de pesquisa. Assim todos os acervos digitalizados por uma das instituições é partilhado com a outra visando assim visibilizar a presença das mulheres no futebol nacional.

Não posso deixar de mencionar algo que me emociona e orgulha. Até a realização desta exposição, as mulheres praticamente não apareciam no Museu do Futebol. Hoje elas integram todos os seus espaços. Integram, sobretudo, um espaço denominado de Sala dos Anjos, na qual há a projeção de imagens holográficas em grandes dimensões de 25 jogadores: Bebeto, Carlos Alberto Torres, Didi, Djalmá Santos, Falcão, Garrincha, Gerson, Gilmar, Jairzinho, Julinho, Nilton Santos, Pelé, Rivaldo, Rivellino, Roberto Carlos, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Sócrates, Taffarel, Tostão, Vavá, Zagalo, Zico e Zizinho. Desde 2015 esta Sala também é das Anjas visto que Marta e Formiga também a habitam. Vale registrar ainda que a exposição está registrada e tem grande parte de seu acervo disponível no Google Art & Culture<sup>75</sup>. Além disso, foram produzidos painéis compondo uma exposição itinerante que continua circulando pelo país. Em outubro de 2016 tive a oportunidade de levar a

---

<sup>75</sup> Disponível em < <https://www.google.com/culturalinstitute/beta/exhibit/gQuX4AQf?hl=pt-BR>>

exposição para o Museu Brasileiro do Futebol, localizado no Mineirão, em Belo Horizonte onde ficou aberta a visitação por quatro meses.

Se até o momento de realizar essa exposição eu tinha alguma relação com a temática *Futebol e Mulheres*, sua abrangência e visibilidade possibilitou uma intervenção muito mais intensa dentro desta temática, a qual relatarei adiante dada a dimensão que ocupa em minha atual vida acadêmica.

A outra exposição que destaco foi inaugurada no dia 5 de maio deste ano no Museu da UFRGS e permanecerá aberta à visitação até final de março de 2018. Intitulada *Paisagens da Memória: cidade e corpos em movimento* apresenta o acervo do Centro de Memória do Esporte com o objetivo de oferecer ao público, por meio da narrativa expográfica, novos olhares sobre o pioneirismo de Porto Alegre em iniciativas esportivas voltadas para a competição, o lazer, a formação de profissionais e a elaboração de políticas públicas. A exposição comemora os 20 anos do CEME, completados em janeiro deste ano.

Ainda com relação a minha atuação no CEME gostaria de destacar algumas ações que demandaram intercâmbios com outras pessoas, grupos e instituições: a) as parcerias com outros centros de memória, em especial, o Centro e Memória Inezil Penna Marinho (UFRJ) e o Centro de Memória da Escola de Educação Física da UFMG sob forma de projetos de pesquisa e publicações conjuntas; b) o diálogo com o Grupo de Pesquisa Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME-ESEF/UFRGS)<sup>76</sup>; b) a participação em comissão criada pelo Ministério do Esporte para elaboração de uma política de documentação e informação esportiva; c) a colaboração para a estruturação de outros centros de memória tais como Centro de Memória do Esporte no Nordeste (2002), o Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (2004), o Centro de Memória do Esporte, da Educação Física e do Lazer da Universidade Federal de Sergipe (2005), o Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (2010) e o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal do Mato Grosso (2013).<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Além de publicações conjuntas, organizamos em parceria o Seminário *Esporte, Educação Física e Dança: diálogos interdisciplinares* (2009) e as exposições *ESEF 70 Anos: ilhas de lembrança* (2010) e *Um ginasta gaúcho participa dos Jogos Olímpicos de 1924* (2009).

<sup>77</sup> A constituição dos Centros de Memória da Educação Física nas universidades federais brasileiras é o tema da Tese de Doutorado de Christiane Macedo que está em andamento sob minha orientação.

No que tange a estruturação e funcionamento do CEME ressalto que muitos dos recursos que garantiram sua infraestrutura, equipamentos e pagamento de bolsistas se originam de projetos de pesquisa e de extensão que fui contemplada em editais agências de fomento<sup>78</sup>.

Com relação à produção acadêmica, minha atuação no CEME proporcionou publicações em formato livros, capítulo de livro e artigos em periódicos nacionais e internacionais.<sup>79</sup> Além dessas, e como uma forma de produzir fontes a partir de seus acervos, criei em 2015, a *Coleção Grecco*, que são e-books produzidos, editorados e publicados pela equipe do CEME. A coleção possui um conselho editorial, os livros possuem ISBN e são disponibilizados no LUME – Repositório Digital da UFRGS, no SABI – Sistema de Bibliotecas da UFRGS e na homepage do CEME. Já foram publicados 13 títulos<sup>80</sup> e 10 estão em editoração e serão lançados no Museu da UFRGS durante a realização da exposição *Paisagens da Memória*.

Desde sua criação, o acervo do CEME foi se avolumando em função de sua abrangência e diversidade, o que acabou por demandar a criação de um documento para subsidiar o trabalho desenvolvido. Nesse sentido, produzi juntamente com a doutoranda Cristiane Macedo e a professora do curso de Museologia da UFRGS, Ana Carolina

---

<sup>78</sup> Destaco o financiamento dos projetos: 1) *Paisagens da Memória* - 2016 (Ministério do Esporte, R\$ 60.000,00); 2) *Memória do Programa Segundo Tempo/II Etapa* - 2011 (Ministério do Esporte, R\$ 113.000,00); 3) *Memória do Programa Segundo Tempo* - 2009 (Ministério do Esporte, R\$ 170.000,00); 4) *A obra de Inezil Penna Marinho e suas repercussões para a estruturação da Educação Física no Brasil* – 2008 (CNPQ, R\$ 20.000,00); 5) *Garimpendo Memórias: esporte, educação física, lazer e dança em Porto Alegre* - 2007 (CNPQ, R\$ 10.800,00); 6) *Restauro e digitalização de acervo sobre a memória do esporte no Brasil/ II Etapa* - 2008 (Ministério do Esporte, R\$ 38.820,00); 7) *Restauro e digitalização de acervo sobre a memória do esporte no Brasil* - 2006 (Ministério do Esporte, R\$ 38.820,00); 8) *Centro de Memória do Esporte* - 2002 (FAPERGS, R\$ 9.700,00); 9) *Centro de Memória do Esporte* - 2000 (INDESP, R\$ 8.000,00).

<sup>79</sup> Destaco: Livro: GOELLNER, S.; SILVA, A. *Recônditos da Memória: o acervo pessoal de Inezil Penna Marinho*. Porto Alegre: Gênese, 2009; Capítulos: *Educação Olímpica: o papel pedagógico dos centros de memória e documentação*. In: REPPOLD A. *ET all. Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009; GOELLNER, S. *Memória e Museu do Esporte*. In: DaCOSTA, L. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro:CONFEP, 2004. Artigos em periódicos: GOELLNER, S. *Educação Física, ciência e saúde: notas sobre o acervo do Centro de Memória do Esporte* (História, Ciências, Saúde, v.17, p. 527-536, 2010; GOELLNER, S. *Locais da memória: histórias do esporte moderno*. Arquivos em Movimento, v.1, p.79- 85, 2005; GOELLNER, S. *Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.25, p.199-207, 2003; *Center for Memory of Sport*. Journal of Sport History, v.32, p.449-453, 2005; GOELLNER, S. *Esporte moderno: memória e história*. Lecturas, v.10, 2004; GOELLNER, S. *Centre de Mémoire du Sport, Brésil*. Bulletin Of The International Society Of History Of Physical Education And Sport, 2003.

<sup>80</sup> Destaco: *Lenea Gaelzer: coletânea de textos sobre recreação e lazer* (2013); *Dança moderna: movimentos fundamentais organizados segundo os princípios da técnica de Martha Graham* (2014); *Guia do Centro de Memória do Esporte* (2015); *Programa Esporte e Lazer da Cidade: os primeiros*

Gelmini de Faria, o documento *Política de Aquisição e Descarte de Acervos do CEME* cuja finalidade é dar transparência e respaldo a esse processo decisório, otimizar o trabalho tornando-o mais consciente e direcionado assim como viabilizar o descarte de acervos não pertinentes à política do CEME.

Esse cuidado se origina da negação que por vezes é necessário fazer a quem deseja transferir ao CEME acervos pessoais ou institucionais que apresentam materiais que fogem ao seu escopo, mesmo que relacionados ao esporte. Essa talvez seja a tarefa mais difícil de colocar em ação: escolher o que permanece e o que deve ser rejeitado é um desafio e também uma experiência inevitável para os lugares de memória que atuam na produção, guarda e divulgação de acervos esportivos.

#### **4.2. O Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano**

Minha inserção como docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano se deu em março de 2004 e desde então ministro uma disciplina por semestre, a saber: *História do Corpo e Seminário Avançados sobre Corpo*. Integro a área de concentração *Movimento Humano, Cultura e Educação*, mais especificamente, a linha de pesquisa *Representações Sociais do Movimento Humano*.

Tornar-se orientadora de mestrado e doutorado foi e é um aprendizado porque “orientar é comunicar-se por histórias, saberes e experiências. Orientar é ler atentamente e ouvir delicadamente” (DINIZ, 2012, p. 12). Orientar é um exercício que demanda diálogo, negociação, tranquilidade e disposição. Ao longo de minha atuação no PPGCHM tive o privilégio de orientar dez teses de doutorado (quatro em andamento) e vinte e seis dissertações de mestrado (uma em andamento) as quais, de certo modo, estão ancoradas nos enfoques que mencionei anteriormente ao relatar as temáticas e os aportes teóricos que me constituíram como pesquisadora. Alguns destes trabalhos foram publicados em formato de livro, de capítulo de livro, de artigos ou em outras produções. Outros subsidiam ações de intervenção em escolas, parques e praças. Não mencionarei cada uma delas, mas registro sua importância e o quanto foram e são significativas na minha trajetória acadêmica.

Gostaria ainda de mencionar que o modo como assumo uma orientação envolve muito mais do que a realização do Mestrado ou do Doutorado. Todas as pessoas que acompanhei se envolveram nas atividades que coordeno, participo e invento. O Centro de Memória do Esporte, o Grupo de Pesquisa sobre Esporte, Cultura e História e a minha trajetória acadêmica não seriam o que são sem a presença de orientandos e orientandas. Presença essa que cultivo com respeito e afeto visto que sou afetada por cada uma dessas pessoas, suas histórias de vida, seus desejos, limites e potencialidades.



## **5. Administrar e gerir**

Ao longo de minha trajetória acadêmica participei de atividades de natureza diversa, inclusive, administrativas. Algumas delas foram registradas nos itens descritos anteriormente como, por exemplo, junto ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e na atuação na editoria de periódicos científicos. Neste item registro algumas atividades administrativas que exerci junto a UFRGS, mais especificamente na ESEFID.

### **5.1. Participação em órgãos colegiados, de chefia e de coordenação**

Minha primeira experiência nesse âmbito se deu em dezembro de 1994 quando integrei o Membro do Colegiado do Departamento de Desporto por um ano, representação que reassumi no período de dezembro de 2000 a dezembro de 2001. Na época a ESEF possuía dois Departamentos: Desporto e Ginástica. Como eu estava lotada no primeiro deles, foi lá que aprendi a conviver com os/as colegas considerando uma dimensão que até então não havia participado: a gestão acadêmica, seus embates, negociações, apreciações e decisões. Uma vez unificados os Departamentos, tive a oportunidade de participar do primeiro Colegiado do Departamento de Educação Física, no período de dezembro 2001 a dezembro de 2003 representando a classe de “Professor Adjunto”.

No âmbito da pós-graduação integrei por dois mandatos a Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, respectivamente de julho 2002 a julho de 2004 e de julho de 2010 a novembro de 2011. Essa participação foi determinante para que eu entendesse o funcionamento da pós-graduação, sua avaliação e a relação com a produção acadêmica. No ano de 2004 o Programa foi avaliado pela Capes e teve seu conceito rebaixado de 4 para 3. Tão logo recebemos a notícia, seu coordenador, o professor Adroaldo Gaya, estava fora do país. Nesse momento, juntamente com o professor Vicente Molina Neto e Marco Paulo Stigger buscamos obter informações detalhadas sobre a avaliação e em conjunto elaboramos um recurso, que resultou na revogação do conceito para 4.

Narro este episódio porque ele foi determinante para meu envolvimento com o Programa de Pós-Graduação para além de atuar como professora e membro da Comissão

Coordenadora. No período de julho 2004 a julho do de 2006 fui Coordenadora Substituta do Programa e exerci o cargo de Coordenadora no período de julho 2006 a julho do de 2008 sendo eleita pelos pares juntamente com a professora Nadia Valentini que atuou como Coordenadora Substituta. Ressalto que durante essa gestão o conceito do Programa subiu de 4 para 5.

Essa atuação foi bastante significativa na minha trajetória acadêmica porque tive a oportunidade de conhecer, discutir e implementar várias ações no que respeita a política de pós-graduação. Foi também um período no qual defendi de modo contundente a área sociocultural e pedagógica em meio a acirradas disputas não apenas no nosso Programa mas na própria Capes. Foi, como já mencionei no item no qual descrevo os espaços nos quais me formei, um aprendizado bastante significativo que ampliou em muito minha visão sobre a área da Educação Física, sua pluralidade e diversidade<sup>81</sup>.

Em função da Coordenação do Programa de Pós-Graduação tive assento junto ao Conselho da Unidade e a participação em suas reuniões também foi de aprendizado seja pelos consensos, seja pelas disputas travadas os/as participantes cujos interesses nem sempre confluíam, nem mesmo em prol da ESEF.

Ainda com relação a atividades administrativas no âmbito da Pós-Graduação quero destacar a elaboração da proposta e coordenação do Programa de Pós-Graduação Interinstitucional UFRGS-URI Campus Erechim realizado no período de julho 2007 a julho de 2009, com anuência da Capes. Foram titulados/as 12 mestres dentro do prazo de 24 meses. Resulta dessa parceria institucional a publicação do livro *Ciências do Movimento Humano: possibilidades investigativas*<sup>82</sup> contendo um artigo de cada dissertação concluída, assinado pelo/a discente e orientador/a.

Como atividade administrativa menciono, ainda a coordenação do Curso de Especialização *Metodologia do Ensino da Educação Física*, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre no período de março 1994 a novembro de 1996 e a coordenação das cinco edições do Curso de Especialização

---

<sup>81</sup> Considerando essa discussão, produzi o seguinte artigo: GOELLNER, S.; SILVA, A. M. *Esporte, Lazer, ciência e tecnologia: indicadores para uma política nacional*. Lecturas Educación Física y Deportes, v.92, 2006.

<sup>82</sup> GOELLNER, S. (Org.). *Ciências do Movimento Humano: possibilidades investigativas*. Erechim: Edifapes, 2008.

*Pedagogias do Corpo e da Saúde*, (2001 a 2008) ambos descritos no item que destaca a formação de pessoas.

## **5.2. Membro de Comissão**

No ano de 2005 participei co Comitê Local de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma experiência interessante porque compartilhada com colegas da área da saúde cujo fazer científico desconhece as especificidades da Educação Física e sua diversidade.

Em novembro de 2012 o então Diretor da ESEF, professor Alberto Reppold Filho, seguindo uma determinação da Reitoria da UFRGS criou o *Núcleo Docente Estruturante do Curso de Educação Física – Habilitação Licenciatura*, com caráter consultivo e não-deliberativo, para atuar de forma auxiliar à respectiva Comissão de Graduação. Tive a honra de ser indicada para sua primeira composição na qual permaneci por 12 meses.

Enfim, as experiências de gestão configuraram parte de minha trajetória acadêmica. Destaco a coordenação do Centro de Memória do Esporte exercida desde março de 2000 ainda que ela não seja avaliada nesse quesito.

## **6. Desafios do porvir: possibilidades sempre reinventadas de prosseguir na vida acadêmica**

O Senhor... mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, não foram ainda terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam e dasafinam “verdade maior, é o que a vida me ensinou”. (Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas)

Ao longo deste Memorial registrei minha carreira docente tentando descrever minha formação relacionando-a com a formação de pessoas, materializada por meio de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. Rememorei alguns dos percursos que percorri para me tornar o que sou. Neste item quero destacar duas intervenções que ocupam grande parte de meu compromisso político e pedagógico nos dias atuais: o movimento de acesso livre à informação científica e a presença das mulheres no futebol.

### **6.1. O movimento de acesso livre à informação científica**

O movimento de acesso livre à informação científica (Open Archives Initiative) tem como marco inicial a Convenção de Santa Fé, realizada nos Estados Unidos em julho de 1999, e busca estabelecer e disseminar estratégias para quebrar as barreiras impostas pelas grandes editoras comerciais e construir um novo modelo de publicação científica, possibilitando a ampla e irrestrita divulgação dos resultados de pesquisas científicas. Caracteriza-se por consentir o acesso sem barreiras, sem a exigência do uso de senhas, licenças ou mesmo o pagamento de assinaturas para fazer a consulta nos sites ou nos exemplares postulando o direito universal à informação (CRESPO e CORRÊA, 2006).

Algumas universidades públicas brasileiras, dentre elas a UFRGS, aderiram ao movimento, não apenas disponibilizando suas produções em formato digital (revistas e livros eletrônicos, vídeos de palestras e eventos, entre outros) como também criando ferramentas de divulgação do conhecimento científico – os repositórios digitais.

Consoante essa intencionalidade, em 2007, foi criado o LUME – Repositório Digital da UFRGS<sup>83</sup> com o objetivo de reunir, preservar, divulgar e garantir o acesso confiável e permanente aos documentos acadêmicos, científicos, artísticos e administrativos gerados na Universidade, bem como às suas coleções históricas, e a outros documentos que fazem parte de suas coleções, embora não produzidos por ela, maximizando a visibilidade e o uso desses recursos.

Em 2010 tomei conhecimento do LUME e de imediato procurei o Centro de Processamento de Dados com a intenção inserir o acervo do CEME aderindo, portanto, ao movimento de acesso livre à informação científica. Foram dois anos de diálogo e de estudos para formatar uma coleção que agrupasse as especificidades do conjunto documental do CEME, o que efetivamente aconteceu em 2012 quando foi criada a subcomunidade “Centro de Memória do Esporte” cuja estruturação comporta seis coleções: *Audiovisual, Depoimentos, Documental, Iconográfica, Periódicos e Tridimensional*.

Desde esse momento tenho investido na minha qualificação e na da equipe do CEME com o objetivo de inserir todo seu acervo assim como o registro das suas diversas produções. Essa intencionalidade demandou investimentos teóricos e metodológicos que vão desde o aprofundamento de temas relacionados à Documentação e Informação<sup>84</sup> e às Tecnologias de Informação e Comunicação<sup>85</sup> assim como o manejo para digitalizar, fotografar, catalogar os materiais e inseri-los no Repositório Digital.

Esse é o tema do projeto de pesquisa *Gestão do conhecimento em História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança: o Centro de Memória do Esporte e o movimento de acesso livre à informação científica*, contemplado com Bolsa Produtividade Pesquisa CNPq 2014-2018.

Essa tarefa não tem sido fácil de realizar, pois envolve conhecimentos específicos

---

<sup>83</sup> O Lume ocupa a 31º colocação entre os repositórios universitários no mundo e a 2º no Brasil e na América Latina, segundo avaliação do Ranking Web of Repositories.

<sup>84</sup> Destaco a orientação da Tese de Doutorado de Ivone Job, *Gestão editorial das revistas brasileiras do campo da Educação Física e Ciências do Esporte*.

<sup>85</sup> Destaco: GOELLNER, S. et all. *Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte: notas sobre a Coleção Lazer e Recreação*. Licere, v.16, p.1-9, 2013; GOELLNER, S. et all. *Memória e programas sociais de esporte e lazer: o acervo do Programa Segundo Tempo do Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte*. Motrivivência, v.10, p.89-97, 2012; JOB, I.; GOELLNER, S. *Proposta de instrumento para avaliação da gestão editorial de revistas científicas brasileiras em educação física e ciências do esporte*. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 13, p. 207-224, 2015.

das áreas da Museologia, da Arquivística e da Biblioteconomia. Quero registrar é a equipe do CEME (orientandas/os de graduação, mestrado e doutorado) que faz todo esse processo. Digitalizamos os acervos, buscamos as informações, criamos os metadados, utilizamos o software do LUME e inserimos os materiais nas coleções específicas. Quero registrar ainda que sou a responsável pela revisão de cada item disponibilizado o que, como mencionei, exige concentração e tempo. Faço essa menção não tanto para dizer o quanto me dedico a esse trabalho, mas para registrar sua relevância. Garantir o acesso gratuito à informação qualificada nestes tempos nos quais convivemos com tanta desinformação é ato político. Aponto alguns dados que ajudam a mensurar o que estou descrevendo: no dia de hoje, 23 de junho de 2017, a subcomunidade CEME disponibiliza para acesso e download 7036 itens<sup>86</sup>, o maior acervo do LUME. Segundo estatísticas do Centro de Processamento de Dados, há por volta de 1000 acessos diários as suas coleções. Ou seja, há interesse naquilo que temos preservado.

Enfim, como descrito neste Memorial, são numerosas as ações empreendidas pela equipe do CEME no que tange à produção, o processamento e a divulgação de fontes históricas. Ciente de que a preservação da memória é fundamental para a produção de narrativas historiográficas, encaro a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação como uma estratégia para ampliar o acesso às fontes produzidas. Nessa perspectiva identifico no movimento de acesso livre à informação científica não apenas uma ferramenta mas, sobretudo, um desafio. Porque reinventar-se é necessário, é um modo de existir mesmo que isso não seja contabilizado na minha produção acadêmica, sobretudo, nas agências que avaliam o que entendem ser o fazer “científico”.

## **6.2. As mulheres e o futebol**

Em janeiro de 2013 fui indicada pelo Ministério do Esporte para representá-lo no *Seminário Internacional Brasil-EUA sobre o Empoderamento de Meninas*, realizado no Rio de Janeiro. Particpei como palestrante de uma oficina sobre esporte juntamente com as jogadoras de futebol, Aline Pellegrino (ex-capitã da Seleção Brasileira) e Caitlin Fisher (atleta dos EUA). Ouvir suas histórias, perceber similitudes em nossas trajetórias em defesa da visibilidade das mulheres no esporte despertou o desejo de investir

---

<sup>86</sup> Informação disponível em < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8992>>

fortemente em temas relacionados à presença das mulheres no futebol. Desde esse momento estreitei parcerias com estas atletas e, de imediato, fui convidada para integrar o *Guerreiras Project*<sup>87</sup>, coletivo criado por elas em 2010, formado por atletas, artistas, acadêmicos/as e ativistas que desenvolvem oficinas, pesquisas, performances e exposições visando estimular a justiça de gênero e empoderar mulheres no esporte e fora dele. Mobilizada com a relevância do tema criei o *Programa de Extensão Futebol e Mulheres* com o objetivo de visibilizar a presença das mulheres no futebol e fomentar análises críticas sobre as desigualdades de gênero presentes na modalidade. O Programa articula atividades de extensão com o ensino e a pesquisa, de modo a incentivar os/as participantes a pensarem criticamente sobre as barreiras enfrentadas pelas mulheres para se inserir e permanecer no futebol em suas diferentes manifestações e ocupações. Com essa intencionalidade realizamos eventos<sup>88</sup>, oficinas<sup>89</sup>, exposições<sup>90</sup>, entrevistas<sup>91</sup>, atividades culturais,<sup>92</sup> entre outras.

A participação no *Guerreiras Project*, as ações do *Programa Futebol e Mulheres*, a curadoria da exposição *Visibilidade para o Futebol Feminino* realizada no Museu do Futebol e minha produção acadêmica sobre o tema possibilitaram o surgimento de vários convites para ações bastante diversas com relação ao futebol feminino. Desde 2013 tenho participado de eventos acadêmicos<sup>93</sup> e não acadêmicos<sup>94</sup>,

---

<sup>87</sup> Sobre esse coletivo escrevi: GOELLNER, S. et all. *Mudando cabeças, corpos e campos: a experiência do Guerreiras Project no empoderamento de mulheres por meio do futebol*. Revista Estudos Feministas (no prelo).

<sup>88</sup> Destaco: *Seminário Futebol e Empoderamento de Mulheres*, realizado em parceria com a Secretaria Municipal da Mulher (Porto Alegre, 2013) e *Encontro com Lea Campos - a primeira árbitra da FIFA* (Porto Alegre, 2015).

<sup>89</sup> *Curso de formação de embaixadoras do Guerreiras Project* (São Paulo, 2014). Desde 2014 realizamos mais de dez oficinas em parceria com o *Guerreiras Project* em associações comunitárias, universidades e escolas.

<sup>90</sup> *Futebol e Mulheres no País da Copa 2014*, realizada em Porto Alegre na Fan Fest; *Futebol e Mulheres: mudando cabeças, corpos e campos*, realizada em Porto Alegre em 2014 e em Berlim 2015; *Futebol e Mulheres* apresentada no Salão de Extensão da UFRGS em 2015, *Visibilidade para o Futebol Feminino* no Museu do Futebol em São Paulo entre maio de 2015 e março 2016, entre outras.

<sup>91</sup> Realizamos 85 entrevistas com jogadoras, árbitras, treinadoras, gestoras, etc., utilizando o aporte teórico-metodológico do Garimpo de memórias. Destas 64 já estão disponíveis para consulta no Repositório Digital.

<sup>92</sup> Destaco o *Dia do Futebol Feminino*, evento realizado em comemoração ao Dia Internacional da Mulher desde 2013. Acontece nas dependências da ESEFID e envolve jogos de futsal, futebol de campo, futsabão além de atividades como exposição, apresentações musicais, entre outras.

<sup>93</sup> Destaco: *II Simpósio sobre Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer*, (Belo Horizonte, 2016); *Seminário Futebol e Cultura* (São Paulo, 2015); *Seminário Mulheres em Campo* (Porto Alegre, 2015); *III Congresso Internacional de Futebol* (Porto Alegre, 2014); *II Simpósio sobre Futebol* (São Paulo, 2014).

<sup>94</sup> Destaco: *CBF Social – Fórum de Debates* (São Paulo, 2017); *Jogo Bonito: futebol e mulheres no Brasil e na Argentina* (São Paulo, 2017); *Esporte em Jogo* (São Paulo, 2016 com transmissão pela ESPN); *Ciclo de Debates Visibilidade para o Futebol Feminino do Museu do Futebol* (São Paulo, 2015 e

concedido entrevistas<sup>95</sup>, participado de documentários e vídeos<sup>96</sup>, acompanhado a seleção nacional<sup>97</sup>, enfim, circulado por territórios até então pouco conhecidos. Dentre eles ressalto minha participação no Grupo de Trabalho Desenvolvimento do Futebol Feminino do Comitê de Reformas da Confederação Brasileira de Futebol entre os meses de março a setembro de 2016. Coordenado pela ex-árbitra Ana Paula Oliveira e pela jogadora Formiga, o grupo reuniu especialistas como o então técnico da seleção feminina, jornalistas, ex-jogadoras, psicóloga, assessora de marketing, coordenador do futebol feminino da CBF, entre outros. Este coletivo elaborou um documento, do qual fui relatora, esboçando propostas para a CBF direcionada para a valorização da modalidade, como por exemplo: 1) Criação do Departamento de Futebol Feminino; 2) Estratégias de visibilidade para a presença das mulheres no futebol; c) Realização de um curso específico para treinadoras; d) Inserção de mulheres nas comissões técnicas da seleção nas categorias principal, sub-20 e sub-17; e) Organização de campeonatos ampliando o número de equipes participantes; f) Transmissão dos jogos de futebol de mulheres, entre outros.

Dentre estas propostas, destaco como fundamentais duas ações acatadas e empreendidas pela CBF: em 2017 a realização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Séries A e B, envolvendo 32 equipes e, em dezembro de 2016, a nomeação de Emily Lima para assumir o comando da seleção principal. Minha presença nesta Comissão me fez próxima da seleção nacional e, desde então mantenho contato regular com as jogadoras e a treinadora no sentido de propor e desenvolver ações direcionadas para a visibilidade do futebol feminino e o empoderamento das mulheres que nele atuam.

---

2016); *Seminário Estadual A Mulher no Futebol* (Pelotas, 2014); *Futebol para a Igualdade* (Museu da República, Rio de Janeiro, 2014), entre outros.

<sup>95</sup> Jornais: Zero Hora, Folha de São Paulo, Nexo, entre outros. Programas de Rádio: Rádio Brasil; Rádio Universitária UFMG; RádioWeb, entre outros; Televisão: TV UFRGS, TV Cultura São Paulo, TV Brasil. Blogs: A Bola que Pariu, Gúrias Boleiras, A Casa da Mãe Joana, entre outros.

<sup>96</sup> Documentários: *Meu campo é na várzea, meu lugar na história*. Direção: Ali Kuckjøl (2015); *Impedidas: as barreiras no futebol feminino no Brasil*. Direção: Bruni Silvério, José Balganon, Juliana Becheli e Letícia Romão (2016); *A falta de visibilidade e o preconceito com mulheres que praticam futebol no Brasil*. Direção: Stephani Lima (2015)

<sup>97</sup> Em outubro de 2015, quando estava nos EUA como professora visitante da San Francisco State University, acompanhei a seleção no amistoso que realizou na cidade de Seattle. Juntamente com a ex-jogadora Sissi que atuou como colaboradora pontual, acompanhei todas as atividades do grupo: refeições, treinos, preleções e o jogo.



Esse envolvimento se fez sentir na potencialização de minha produção acadêmica<sup>98</sup>, na orientação de pessoas<sup>99</sup> e na curadoria de outra exposição.

Em março de 2017 o Museu do Sport Clube Internacional me convidou para organizar uma exposição valorizando a presença das mulheres no clube. Considerando que este Museu não tinha praticamente nenhum material sobre o tema em seu acervo, juntamente com meu grupo, fizemos uma vasta pesquisa que resultou na exposição *A Conquista do Campo: o futebol feminino no S.C.I.*, aberta a visitação no dia 17 de maio. Além da apresentação de uma linha do tempo que aponta a presença das mulheres no futebol gaúcho, homenageamos três ex-jogadoras: Eduarda Marranghelo (Duda), Isabel Nunes (Bel) e Tatiele Silveira (Tati). Com relação ao Internacional, acompanho a retomada da equipe de mulheres do clube (extinta em 1987) e sou responsável pelas ações do futebol feminino desenvolvidas por um convênio entre o Internacional e a ESEFID.

Enfim, ainda são muitos os projetos e os desejos a orientar meu andar nessa temática. Um deles, que está em sua fase inicial, é a publicação de um livro sobre a primeira seleção, convocada em 1988. Para tanto já realizei entrevistas com seis de suas jogadoras. Partilhar suas memórias, ouvir suas histórias, manusear seus acervos tem sido extremamente gratificante. Assim como as várias iniciativas que estou desenvolvendo com o intuito de garimpar e divulgar fontes que tornem visível a importante presença das mulheres no esporte que em nossa sociedade é representado como “uma paixão nacional”.

---

<sup>98</sup> MINA, C.; GOELLNER, S. *Estar allá, no es solo estar allá: narrativas de las dos únicas entrenadoras presentes en la Copa Libertadores Femenina 2015*. Labrys, v. 28, p. 1-15, 2015. MINA, C.; GOELLNER, S. *Representaciones sociales de la selección femenina de fútbol de Colombia en la Copa América 2014*. Educación Física y Deporte, v. 34, p. 39-72, 2015. GOELLNER, S. *A primeira árbitra de futebol credenciada pela FIFA é brasileira*. In: MELO, V. de et al. (Org.). *História(s) do Sport: uma estratégia de divulgação científica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 105-107.

<sup>99</sup> Mestrado: *Doutorado: Futebol e mulheres no Brasil: a história do Esporte Clube SAAD* (Pamela Joras, em andamento); *Futebol e mulheres no Brasil: o processo de formação e de autoconhecimento das jogadoras de futebol do RN e RS*. (Mayara Maia, em andamento). Mestrado: *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (Claudia Mina, 2016); *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghelo Luizelli - Duda* (Suellen Ramos, 2016); *Futebol e Mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino* (Pamela Joras, 2015); *As mulheres árbitras de futebol: aspirações e perspectivas de uma profissão*. (Lílian Farias, 2015).

## 7. Considerações Finais

Se procurar bem,  
 Você acaba encontrando  
 Não a explicação (duvidosa) da vida,  
 Mas a poesia (inexplicável) da vida.  
 (Drummond, 1989)

Narrar a mim mesma foi uma aventura. E também uma realização. Não posso deixar de mencionar que ao rememorar minha trajetória, percebi muitas positivities: trabalhei em espaços nos quais tive grande identificação (escola, centros comunitários, associações de bairro, etc), tive o privilégio de dialogar com pessoas que foram (e são) referências em minha formação, construí minha carreira acadêmica na instituição que sempre desejei atuar, escolhi minhas ancoragens teóricas e metodológicas, tive a liberdade de eleger os temas de minhas intervenções, contribuí na formação de muitas pessoas, percorri o Brasil e vários países apresentando minhas ideias, sentimentos e convicções, enfim, vivi o que quis viver e construí uma história que me alegra e satisfaz.

Uma história que demonstra esforço, aprendizagem, resiliência, dedicação e trabalho. Olhar retroativamente essa história e refletir sobre ela me fez ver o quanto já foi feito e, do mesmo modo e intensidade, o quanto ainda há por fazer. Nesse sentido, gostaria de mencionar algumas realizações de minha trajetória acadêmica que, de certo modo, indicam minha inserção em um dos tópicos pelo qual serei avaliada: reconhecimento e liderança acadêmica. São elas: 1) Publicação de 120 artigos científicos, 10 prefácios, 3 verbetes para enciclopédias<sup>100</sup>, 93 capítulos de livro e 79 trabalhos completos em eventos; 2) Organização de 25 livros; 3) Publicação de 1 livro e) Participação em 28 bancas de Doutorado e 109 de Mestrado; 5) Organização de 22 eventos; 6) Orientação de 6 Teses de Doutorado, 25 Dissertações de Mestrado, 78 Monografias de Especialização, 30 Trabalhos de Conclusão de Curso e 26 Trabalhos de Iniciação Científica.

Durante minha trajetória acadêmica fui contemplada com duas premiações e uma homenagem das quais muito me orgulho: 1) o *Prêmio Mulher Cidadã* concedido

---

<sup>100</sup> Os verbetes *Corpo e Esporte* no *Dicionário crítico de gênero* (UFGD, 2015) e o verbete *Gênero* nas seguintes publicações: *Dicionário Crítico da Educação Física* (UNIJUÍ, 2005) e *Dicionário crítico do lazer*. (Autêntica, 2004).

pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul no dia 08 de março de 2008 como reconhecimento a minha produção no campo da mulher e esporte; 4) O *Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social*, concedido pelo Ministério do Esporte<sup>101</sup>; 5) A homenagem recebida pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte durante a cerimônia de abertura do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte realizado em Porto Alegre, em 2011 “pela significativa contribuição ao CBCE à Educação Física brasileira” (inscrição na placa recebida).

Enfim, isso tudo me formou naquilo que sou e me permitiu relatar aquilo que relatei. Conjugo aqui o binômio *memória e identidade* visto que uma não existe sem a outra e ambas só fazem sentido na pertença coletiva. Ou seja, minha história é feita no e do entrelaçamento de outras histórias. É, por conseguinte, é uma experiência partilhada que simultaneamente se inspira e inspira outras vivências, reflexões e realizações.

Finalizo a escrita desse memorial no dia 28 de junho de 2017, a dois dias de uma nova manifestação de Greve Geral, em defesa das Diretas Já. Se em 1983 e 1984, quando cursava a graduação em Educação Física fui para as ruas levantando a mesma bandeira, jamais imaginei que ao pleitear a progressão para professora titular estaria reivindicando esse direito. Tempos difíceis, de ameaça à democracia, de retrocessos políticos, de perda de direitos sociais, de conservadorismos emergentes, enfim, tempos que exigem atenção e engajamento redobrados. Tempos de resistir, de persistir, de acreditar e de se reinventar sem perder o foco. E assim continuar...

Se para iniciar o memorial fui buscar inspiração em Marguerite Duras, para sua conclusão recorro à Clarice Lispector (1995):

Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais, numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois, o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos...

---

<sup>101</sup> Em 2010 fui vencedora deste prêmio na Categoria Ensaio com o artigo: *Políticas públicas inclusivas: educando para a equidade de gênero no esporte e no lazer*.

## 8. Referências

- ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Circulo dos Livros, 1949.
- BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CARR, Edward. *O que é História*. Rio de Janeiro, 1978.
- CASTELANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
- CAVALVANTI, Kátia. *Esporte para todos: o discurso ideológico do estado*. Rio de Janeiro: IBRASA, 1984.
- CRESPO, Isabel M.; CORRÊA, Cynthia H. M. *Acesso livre à comunicação científica: a experiência do Scielo*. Revista F@ro, n. 6, p. 1-6, 2006.
- DINIZ, Débora. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. Brasília: Letras Livres, 2012.
- DURAS, Marguerite. *Os Olhos Verdes*. Tio de Janeiro: Edições Globo, 1988.
- FERREIRA GULLAR. *Corpo a corpo com a linguagem*. Ponta Grossa: UEPG, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREITAG, Barbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Moraes, 1986.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Ed. Loyola, 1988.
- GOELLNER, Silvana. *O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre; UFRGS, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968
- LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

- MACRIDIS, Roy C. *Ideologias Políticas Contemporâneas: Movimentos e Regimes*. Brasília: Editora UnB, 1982.
- MANOEL, Edison et all. *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo:EPC, 1988.
- MEDINA, João Paulo. *A Educação Física cuida do corpo e... "mente"*. Campinas: Papirus, 1987.
- PATHAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PLEKHÁNOV, George. *A concepção materialista de História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- RICOER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOARES, Carmen L. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1993.
- SOARES, Magda. *Metamemória-memórias: Travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.
- TAFFAREL, Celi N. Z. *Criatividade nas Aulas de Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.